



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PALOMA VIEIRA REIS

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: A VOZ DA SERRA (Erechim - RS, 1974-1977)

ERECHIM

2018

PALOMA VIEIRA REIS

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: A VOZ DA SERRA (Erechim - RS, 1974-1977)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Santos Alves

ERECHIM

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Reis, Paloma Vieira

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: A VOZ DA SERRA (Erechim - RS, 1974-1977) / Paloma Vieira Reis. -- 2018.

57 f.:il.

Orientador: Doutor Douglas Santos Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pedagogia-Licenciatura, Erechim, RS, 2018.

1. FEMINISMO. 2. IMPRENSA. 3. EMANCIPAÇÃO. 4. TRABALHO. 5. JORNAL. I. Alves, Douglas Santos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Paloma Vieira Reis

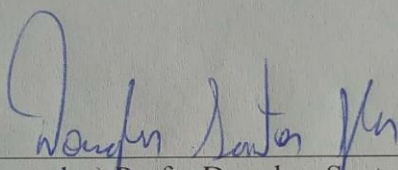
A REPRESENTAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER: A VOZ DA SERRA (Erechim-RS,
1974-1977),

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

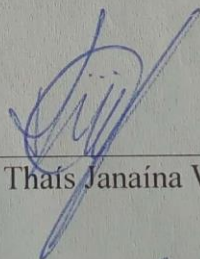
Orientador: Prof. Douglas Santos Alves

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

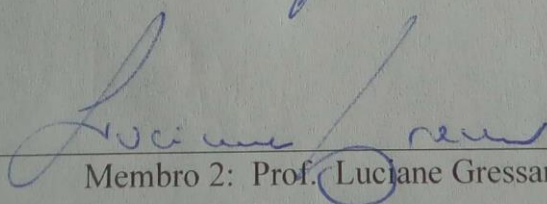
Banca examinadora:



(orientador) Prof. Douglas Santos Alves



Membro 1: Prof. Thaís Janáina Wenczenovicz



Membro 2: Prof. Luciane Gressana

AGRADECIMENTOS

Após quase seis anos na graduação, louvo ao grandioso Deus por estar aqui e com saúde, pois sem saúde e sanidade mental medianamente bem, jamais teria chegado onde estou. Segundo, toda a minha gratidão as minhas irmãs - principalmente a Micheli que era meu braço direito para buscar e levar material até a universidade quando eu estive trabalhando 49h/semanais na escola, ao meu irmão Luiz e aos meus pais (principalmente meu pai). Não posso esquecer-me de ti, Henrique Trizoto, inúmeras vezes abriste o Arquivo Histórico no sábado, de manhã cedinho, além de livros emprestados, pela palavra amiga, pelo companheirismo, pelo ombro nos momentos que as coisas não fluíam, e por todos os sorrisos e carinho.

Sou grata a todos os professores que passaram pela sala de aula em que eu estive, e com sua enorme paciência contribuíram para a minha formação dentro da licenciatura. A produtora cultural da instituição, Elisiane Quevedo com o seu Grupo de Teatro Devassos, cativaram-me, fazendo-me envolver em uma causa, o teatro. Ter a oportunidade de ver outras realidades só possível com a colaboração do Prof. Dr. Luís Fernando Corrêa da Ciências Sociais, um professor excepcional, humano e literalmente feliz, sem a assinatura dele no projeto para a bolsa de extensão, o Grupo de Teatro Devassos jamais teria existido. A graduação foi um processo de amadurecimento, conhecimento e de rupturas, uma das maiores rupturas até aqui, vi o mundo como ele é.

Eu jamais teria ido atrás da temática das mulheres sem a tua cadeira optativa Douglas (obrigado pela optativa prof^o), no curso de Ciências Sociais, com as aulas no sábado de manhã. A leitura que eu havia feito era de uma transgressão do conhecimento. No entanto, mal sabia eu que estava virando meu olhar de cabeça para baixo, e este era o lado certo. Hoje eu não vivo sem o feminismo, me corrói não poder contribuir com o movimento das mulheres, com o movimento feminista, de uma maneira mais palpável. E, eu só estou escrevendo este trabalho devido às lutas de muitas mulheres que vieram antes, a sua garra de persistir, independente da classe social, cor ou etnia. Aos movimentos sociais uma gratidão! Uni vós!

Podemos definir o feminismo como o desejo por democracia radical, voltada à luta por direitos de todas (porque quem leva essa luta adiante são as mulheres), todes (porque liberou as pessoas de se identificarem como homens ou mulheres) e todos (porque luta pela ideia de humanidade, [...] que os homens também devem ser incluídos no processo democrático) que padecem sob injustiças sistematicamente armadas pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluem-se todos os seres cujo corpo é medido por seu valor de uso - corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida e a produção do prazer alheio -, que também compõem a ampla esfera do trabalho, na qual está em jogo que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência.
(Márcia Tuburi, 2018, p. 12)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo a respeito da visão que jornal A Voz da Serra, tem da representação da mulher trabalhadora erechinense - RS, em âmbito social, educacional e profissional nos anos de 1974 a 1977. O estudo foi composto de uma pesquisa no Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font sobre as matérias e propagandas no periódico impresso A Voz da Serra. Sendo fotografado tudo o que tivesse relação com a temática mulher. Foram pesquisadas também, duas entrevistas escritas (sobre a imparcialidade e a origem do jornal), cedidas ao Arquivo Histórico pela família-proprietária do jornal. Após bater 1.167 fotos, foram selecionadas as matérias que se relacionam com tema. Para análise, o escopo teórico foi composto pela teoria feminista, pelos estudos do jornalista Dines Alberto (1986), e do historiador Roger Chartier (1986) para construir o conceito de representação. Após o término do trabalho, pode-se concluir que o jornal foi forçado a modernizar o equipamento de impressão para atender a uma tendência de mercado e, para atender às necessidades de seu público-alvo; assim, obrigando-se a acompanhar as questões femininas, em voga devido às movimentações internacionais, mesmo abordando essas mulheres de diferentes classes sociais, permaneceu com uma característica conservadora, elitista, colocando as mulheres em segundo plano. Para reafirmar esta postura, publicou anúncios publicitários de automóveis, roupas, aperfeiçoamento profissional voltados ao público feminino para instigar a compra destes artigos por quem tinha boas condições financeiras.

Palavras-chave: Feminismo. Imprensa. Mulheres. História.

ABSTRACT

This research presents a study about the vision that newspaper *A Voz da Serra*, has under representation educational and professional a couple of years from 1974 to 1977. The study was composed of a Juarez Miguel Illa Font front to them materials and advertisement in the printed newspaper *A Voz da Serra*. Being photographed all everything that adrelation with the woman thematic. Were also searched two written interviews (on the impartiality and the origen of the newspaper) Ceded to the history file by the newspaper`s owner family. After the 1167 show to photos was selected the subjectals that related there research for the analysis, the theoreticals copy was composed by feminist theory, studies by the jornalist Dines Alberto (1986) by the historian Roger Chartier (1986) to build the concep to representation. After finishing the work, one can conclude that the newspaper was forced to modernize the priting equipment to meet a market trendant meet the news of your Target audience. The forced to follow the woman issues in vogue. Due to the international movements, yet approaching these women from different social classes, but remaining with a conservative elit characteristic placing woman in the low priority. To reafirm this posture, they published advertisements for automobiles chothing, professional, improvement aimed purchase of those articed by those who had good financial conditions.

Key-words: Feminism. Press. Women. History.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Fluxograma: Jornal de temática livre x jornal de temática específica.....	28
Quadro 2 - Número total de matérias e afins fotografadas no jornal A voz da Serra	32
Figura 1 - Curso de assistência comunitária	33
Figura 2 - Ladrões Domésticos - Arrombador - Receptora	34
Figura 3 - Mulheres maltratadas, uni-vos	35
Figura 4 - A L.B.A e a mulher.....	38
Figura 5 - Profissões: Mulheres competem em pé de Igualdade com homens.....	39
Figura 6 - A Voz da Serra.....	47
Figura 7 - Capa	47
Figura 8 - Primeiras Damas participam.....	48
Figura 9 - Da mulher, Para mulher	49
Figura 10 - Rejane nos States	50
Figura 11 - E assim eles casaram e foram felizes para sempre.....	51
Figura 12 - Estevam Carraro.....	52
Figura 13- Vereadora cumpre o dever.....	53
Figura 14 - Televisão, Nina a Suffragette.....	54
Figura 15 - Irma Prieto fala sobre a Mulher Brasileira.....	55
Figura 16 - Maior valorização política da mulher.....	56
Figura 17 - Recital da poetisa Maria Nascimento.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: A mulher enquanto atriz social	16
1.1.1.A mulher na historiografia brasileira	20
1.2 FEMINISMO.....	21
1.2.1 O feminismo no Brasil na segunda metade do século XX.....	23
2 A IMPRENSA ESCRITA NO BRASIL	25
2.1 A IMPRENSA NO SÉCULO XX	26
2.2 O JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA	27
2.3ANÁLISE DAS MATÉRIAS SELECIONADAS NO JORNAL A VOZ DA SERRA	31
2.3.1 O nascimento: A Voz da Serra nos primeiros anos do século XX	31
2.4 A ABORDAGEM DA MULHER SOB O PRISMA DO JORNAL	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXO.....	48

INTRODUÇÃO

A ideia de igualdade de gênero é muito recente na história ocidental. Ainda no século XVIII era debatido o estatuto de humanidade das mulheres em comparação aos homens. No final do século XIX as mulheres receberam o reconhecimento do seu direito à educação. Somente no século XX "'descobriu-se' que as mulheres têm uma história" (PERROT, 2015, p. 11), e que almejavam ter essa educação em suas mãos. Após a conquista de ingressar nas universidades no século XX, a presença delas era muito tímida nas instituições de ensino superior. Mesmo obtendo avanços na direção da igualdade, a sua imagem permaneceu associada à esfera doméstica e privada, marcada por simbolismos que relacionam o feminino à características de fragilidade e cuidado. Diversos estudos apontam para a presença de tais características nas formas de representação na mídia impressa no Brasil, particularmente no período do pós-guerra (PEDRO, 2005). Nesse sentido, este trabalho pretende analisar as representações construídas acerca da emancipação da mulher na mídia impressa na cidade de Erechim (RS) de 1974 a 1977.

A crescente presença das mulheres em diferentes espaços levou a "reconstrução [das] experiências" vividas mostrando "outras histórias" (MATOS, 1998. p.67). Porém, essa mudança provocou uma crise na escrita da História, pois o problema era encontrar metodologias para analisar um sujeito que é tecido na subjetividade. Na historiografia, o feminismo e o gênero ganharam um vasto campo de análise e debate, todavia com a fragmentação dessa documentação, e a ausência de evidências exploradas necessitou-se uma análise empírica. Historiadores/as terão que tecer uma história das mulheres que contemple uma ampla análise, relacionando-as e inserindo-as nas transformações sociais, privilegiando tanto as continuidades, quanto as descontinuidades e as desigualdades sociais.

Os estudos de gênero vão de encontro às certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Procurando acabar (...) segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica. Assim, as nuances, as tendências, os movimentos, passaram a ocupar a atenção dos historiadores, em lugar da certeza de fatos cronológicos e periodizações específicas. (MATOS, 1998, p. 69)

Uma das dificuldades encontradas pelos/as pesquisadores/as ao debruçarem-se sobre a temática foi a questão das fontes. Para a produção deste trabalho, os jornais impressos são umas das "[...] principais fontes de informação histórica [...]" (CAPELATO, 1988, p. 20). Tanto a mídia impressa de grande circulação quanto a especializada para o público feminino e feminista, produziram/reproduziram uma mulher estereotipada, como destaca Maria Helena Capelato (1988), no século XX a imprensa foi uma difusora dos desejos da elite e do Estado, sendo o principal veículo de informação com a população.

Alguns periódicos de grande circulação cobriram os primeiros passos das conquistas das Mulheres nos direitos sociais e individuais. Porém, sua omissão e parcialidade serviram como força motriz para encorajá-las a encontrar alternativas para expressar-se: a criação de revistas e jornais específicos para suas demandas e interesses cumpriu esta função, todavia é interessante ressaltar que alguns desses materiais destinados ao público feminino reproduziram normas de conduta.

Nelson Werneck Sodré (1983) fez um mapeamento minucioso dos principais periódicos de circulação nacional desde o período do Império até a segunda metade do século XX, demonstrando qual a real intenção da elite letrada na esfera pública, política, econômica e cultural. Na cidade de Erechim¹, O jornal *Boavistense* foi o primeiro a circular, foi fundado em 1929, e em 1937 passou a chamar se *Voz da Serra* (fundado por Manoel Pinheiro Mena e Estevam Carraro). Estevam Carraro afirmava que mesmo sendo partidário, bradava que sua influência política seria imparcial e de transparência enquanto o jornal estivesse sob sua direção, pois seus posicionamentos pessoais, sejam políticos ou religiosos não seriam formas seletivas para os temas futuros no jornal.

No seu quadro de colunistas o jornal apresentava grande variedade, temas religiosos tinham espaço garantido, seu filho Geder Carraro, e colunistas da revista Erechim também. Além do jornal, a revista Erechim era uma alternativa para o público que se interessasse por assuntos mais específicos, como a moda voltada para as mulheres e alguns padrões de comportamento para estas. Estevam Carraro propôs-se a conduzir matérias no jornal que representassem os moradores erechinenses com seriedade;

¹ ¹A cidade de Erechim, um pólo de colonização localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul recebeu a aprovação do projeto para a demarcação e loteamento em 06 de outubro de 1908. Somente em 1º de fevereiro de 1910 ocorreu a oficialização do processo com a vinda de imigrantes para a colonização. Com a fundação da cidade objetivou-se suprir a falta de produtos alimentícios e derivados da pecuária. Além de uma contribuição regional e estadual, o projeto ambicionava contribuir com demandas. Uma estratégia utilizada pelo estado foi colocar mão-de-obra especializada no campo, assim evitariam a invasão das terras devolutas pelos povos indígenas. (CASSOL, 2003)

entretanto pode-se perceber que grupos minoritários e/ou marginalizados não foram contemplados, dentre eles estão as mulheres. Este trabalho procurará analisar as construções representativas acerca da emancipação da mulher na sociedade erechinense.

O presente trabalho e temática surgiram durante os estudos realizados em uma cadeira optativa denominada "Relações de Gênero", ofertada pelo curso de Ciências Sociais em 2016, cujo professor ministrante, tornou-se orientador desta pesquisa. Na cadeira foram apresentadas e debatidas questões com um viés histórico e político e suas implicações na sociedade. Com uma paixão teórica em ebulição, o projeto inicial era trabalhar a influência do feminismo no meio das mulheres protestantes, porém não foi possível realizar a pesquisa devido ao bloqueio ao acesso às fontes. Através das leituras realizadas da teoria feminista, de gênero e também na pesquisa do jornal no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, pode-se perceber que as desigualdades de gênero são marcadas pelas diferenças de sexo (biológico) em diferentes áreas. Na mídia impressa local, isso impera como um modelo de construção social e reproduzido para a sociedade nos anos de 1974 a 1977. Para compreender esses pressupostos, é necessário debater acerca dessas fontes, principalmente de que forma foram construídas as representações da emancipação da mulher na cidade de Erechim no ano de 1974 a 1977 pelo jornal A voz da Serra?

Erechim tem uma trajetória peculiar quanto ao seu desenvolvimento social, pois fruto de uma política de colonização adotada pelo então presidente do Estado, Borges de Medeiros, que buscava levar “civilização” a região norte do Estado essas peculiaridades se acentuam quando comparada às demais regiões do Rio Grande do Sul. Desde sua colonização a cidade desenvolveu-se a partir de relações de poder estabelecidas entre imigrantes e indígenas / negros e caboclos. Os primeiros guardados pelo poderio econômico e apadrinhamento do governo, e os segundos, amparados pelos conhecimentos adquiridos pela estadia de longa data nas terras. Essa luta pela hegemonia social impactou diretamente na ressignificação da sociedade local durante o século XX e início do século XXI (basta olhar o projeto Erechim 2018². Neste sentido, era necessário um veículo de comunicação que reafirmasse esta hegemonia local, trabalho executado com maestria pelo jornal a Voz da Serra desde o ano de 1929. A grande questão é que o discurso de imparcialidade ficava apenas em belas palavras de Carraro, o jornal era assumidamente de

² Erechim 2018 foi lançado em 2008 pela prefeitura de Erechim, governo de Eloi João Zanella, que previa avanços para a cidade quando completasse 100 anos. Podem ser encontrados exemplares no Arquivo Histórico Miguel Juarez Illa Font.

direita e defensor do *status quo* da elite local, cobrindo e apresentando a sua versão aos fatos históricos ocorridos no que tangiam os avanços sociais e as lutas pela emancipação da mulher.

O levantamento bibliográfico no município não apresentou uma produção crescente, além dos trabalhos produzidos pelas acadêmicas da universidade³ (UFFS-Erechim). A característica interdisciplinar deste trabalho possibilitará uma visão panorâmica da situação. Para tanto, os objetivos específicos são: identificar a presença de estereótipos femininos nas representações das mulheres apresentadas nas matérias produzidas pelo jornal *A Voz da Serra*; analisar a influência do movimento feminista dos anos 1970 para a emancipação educacional e financeira da mulher erechinense; diferenciar formas de representação da mulher emancipada em função do *status* da atividade profissional exercida, a partir do maior ou menor prestígio social e sua relevância para imagem feminina.

Para dar conta dos objetivos, o trabalho está dividido em duas partes. A primeira trata de uma revisão bibliográfica de trabalhos produzidos na área através da exploração no Google Acadêmico, Scielo, IBCT, revistas institucionais (como a Revista de estudos feministas da UFSC, Cadernos Pagú, Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth – AEL – ambos da UNICAMP). A segunda parte, realizada no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, debruçou-se sobre o jornal *A Voz da Serra* (Erechim/RS). O recorte temporal (anos 1974 – 1977) deu-se devido ao fato de encontrarmos mais materiais sobre a temática que estamos estudando. A acidez na cobertura demonstra um claro desconforto dos donos do jornal com os avanços e conquistas das mulheres principalmente após o ano de 1968. O jornal viu-se obrigado a dar destaque a elas, pois foi uma tendência mundial no ocidente.

Com relação aos periódicos pesquisados, seu estado de conservação está bom para pesquisa - legível-, apresenta desgastes nas bordas, páginas amareladas, efeito de oxidação e algumas páginas foram restauradas devido ao manuseio incorreto, e a subtração de notícias através do recorte, alia-se a isso o fato de não ser possível ler algumas matérias e imagens, devido a rasgos e fitas de material transparente utilizados para o “conserto”. Cada página do jornal tem 48 x 34 centímetros, este formato também é chamado de *standard*. As publicações são na terça-feira, quarta-feira, sábado e excepcionalmente no domingo; este é o único jornal do município que circulava na década de 1970. Serão selecionadas reportagens e imagens relacionadas à mulher que possui uma profissão de maior ou menor

³ não foi possível ter acesso a todos os trabalhos produzidos pelas acadêmicas devido a burocracia de solicitação.

prestígio social, sua aceitabilidade, a receptividade e que tipos eram essas mulheres emancipadas socialmente (educacional, social e profissional).

Para CAMARGO (1969), o periódico impresso, (aqui se trata do jornal), é a fonte primária, de primeira mão para o acesso à realidade de determinado período histórico. Camargo enfatiza que esta fonte como documento é marcada pela subjetividade e parcialidade dos seres que a tecem, mostrando aos historiadores a necessidade de uma análise crítica sobre o periódico. A veracidade total dos fatos não é o que o pesquisador deve buscar, mas antes, deve perceber-se como são construídas as relações de representação da realidade e o que se pensa sobre ela. Desta forma, estamos atentos para a disposição das matérias no interior do jornal, seus destaques, recursos empregados, notícias constantes e esporádicas sobre o tema apresentado.

O capítulo dois traz uma revisão bibliográfica sobre o feminismo, perpassando pela história das mulheres, do feminismo, apontando a dificuldade que elas tiveram de escrever sobre si, saírem da área delegada (o privado), e da escassez de fontes para estudar a temática proposta. Essa característica se dá devido aos grandes heróis hegemônicos que a narrativa da história tradicional privilegiava: homens brancos e normalmente da elite / nobreza. Posteriormente foi abordado feminismo no Brasil e o caminho para conquista de direitos. O capítulo três debate acerca dos periódicos impressos, sua importância como fonte histórica para os historiadores e historiadoras, alertando que, para trabalhar com periódicos impressos, é necessário cautela e o cuidado com o óbvio.

Dentro do capítulo três será analisado o periódico do ano de 1974-1977, através do aporte teórico feminista, para auxiliar a pesquisa com as questões da própria área jornalística, Alberto Dines. Será utilizado o conceito de "representação" explicado por Roger Chartier para a questão da representação das mulheres no jornal. Aqui são tecidas as considerações acerca do objeto de pesquisa, bem como sua relação com a realidade local.

1 HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: A mulher enquanto atriz social

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

(Mary del Priore, 2008, p. 7)

Em uma sociedade majoritariamente patriarcal e historicamente construída sob a égide do falo, que sempre relegou a mulher a um papel subalterno, seus direitos ficavam a mercê dos interesses masculinos. Já nas sociedades matriarcais as mulheres detinham os poderes e ocupavam os lugares mais altos na liderança, organização do grupo, ações que as tiravam das tarefas e profissões associadas ao feminino. A finalidade deste trabalho é trazer a tona o fato de que as mulheres têm o poder de assumir o protagonismo de sua trajetória; ressaltando suas capacidades para romperem com o estigma de que seu lugar é no privado ou no público, podendo de fato assumir posições de destaque na sociedade contemporânea, bem como escrever a sua história sem a "mão masculina".

A historiografia tradicional relegou a mulher a um segundo plano. Os homens eram fortes e provedores enquanto as mulheres eram sexualmente frágeis e dóceis por natureza. As que rompiam com este estereótipo por muito tempo foram tratadas como bruxas. Afinal, o que realmente era levado em consideração para a "construção da História" eram as revoluções, as revoltas sociais e a formação dos Estados Nacionais, tópicos que gastavam tinta e papel até o século XIX. A intenção em citar a História⁴ a partir do século XIX é tentar trazer à luz o cenário político e social que permitiu rupturas e brechas para a entrada dos novos atores sociais, considerando que cada um carrega sua teia de relações. Com isso,

⁴A linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente. (FERREIRA, 2002, p. 314)

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.” (Neves, 1998, p. 218)

Nesse aspecto, a historiadora Louise Tilly (2014) preocupou-se em “[...] escrever uma história analítica das mulheres e para vincular seus problemas aqueles das outras histórias” (p. 29). A autora contribuiu para a história das mulheres, da família e a história social com seus estudos interdisciplinares. Seus avanços, principalmente acerca do papel das mulheres na Revolução Francesa, foram tangenciados pela visão machista vigente⁴. Essa visão mostra que as mulheres são definidas pelo sexo, na “caixinha” do biológico. O que passa invisível é que elas também fazem parte do sistema social pertencentes a uma classe, a uma crença, possuem valores, são filhas deste tempo, vivendo e atuando nele (ABRAMS, Philip. apud TILLY, 1990). A história das mulheres consolidou-se com a ligação aos movimentos feministas que foram vistos como um meio de ação e transformação.

A palavra feminismo começou a ser usada no início do século XX na América por três motivos, conforme os estudos de Nancy Cott:

[...] 1. A defesa da igualdade dos sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2. o reconhecimento de que a 'condição das mulheres é socialmente, [...] historicamente determinada pelos usos sociais'; 3. a identidade com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas. Enquanto ideologia o feminismo é acessível tanto aos homens quanto às mulheres, ainda que nem todas elas (ou eles, no caso) o aceitem. (p.31-32)

Louise Tilly (2000) cita o trabalho de Joan Scott, uma importante estudiosa das mulheres e da classe operária, que possui “[...] uma concepção muito geral e globalizante do estatuto da história das mulheres como campo de pesquisa.” (p.32). Para ela, Joan Scott levanta dois problemas: “Em que medida a história das mulheres 'se impôs'?” e “[...] em que medida a história das mulheres afetou a historiografia?” (p.33). Para a primeira indagação um exemplo são as escolas de ensino superior dos Estados Unidos. A história das mulheres já foi institucionalizada e há cargos específicos de docência para

⁴ Após sua explanação, recebeu o seguinte comentário: "Marc Bloch em 'Apologia da História ou ofício de historiador', escreve que, a história 'é uma ciência dos homens.' (p. 30).

historiadores(as) ministrarem cadeiras sobre a categoria mulheres. Edward H. Carr (TILLY, 2000) é um historiador que colaborou neste aspecto aplicando a tese de que os fatos não estão prontos nem guardados, cabendo aos pesquisadores estabelecerem os critérios que permearão as escolhas, e por consequência aumentando ou não a relevância do objeto de estudo. Estudiosos (as) das mulheres debruçaram-se em descrever e interpretar a história das mulheres, mas recuaram na apresentação e resolução de problemas analíticos.

O segundo aspecto do problema levantado por Joan Scott é o de saber em que medida a história das mulheres afetou a historiografia, obtendo o reconhecimento de suas descobertas como autênticos 'fatos da história', para retomar a expressão de E.

H. Carr. Este afirma que é uma ilusão a ideia segundo a qual existiria um núcleo de fatos históricos aguardando serem descobertos de maneira objetiva, independente da interpretação dos historiadores. A história das mulheres certamente contribuiu para identificar e expandir nossa compreensão sobre nossos fatos do passado, para incrementar novos conhecimentos históricos. (TILLY, 1990p. 33).

O campo da História tem enfrentado alguns problemas metodológicos para analisar certas demandas que apareceram. Lucien Febvre e Marc Bloch foram dois historiadores que apresentaram interesse pelas limitações para analisar os novos sujeitos que estavam aparecendo. O normal era ver biografias de políticos, governantes e pessoas com grandes feitos estarem nas páginas. No entanto,

A nova historiografia, enfim, refundou-se a partir de rupturas e permanências, e também sobre a convergência de todas aquelas pequenas coisas que, deslocadas para uma nova prática e postas a interagir reciprocamente, resultariam efetivamente em algo novo. Neste sentido, a moderna historiografia científica que se instala no século XIX pode ser tomada como um dos muitos exemplos de como um sistema complexo pode começar a se formar a partir de permanências e discontinuidades, de um acúmulo de potencialidade anteriores à inédita sensibilização de elementos esparsos e desconectados, das releituras do que já existia antes aos pequenos prenúncios que começaram a se anunciar à maneira de pequenos clarões até que, sem que ninguém saiba exatamente como aconteceu, já se havia instalado um novo tipo de luminosidade que iria ajudar a definir as cores predominantes de toda uma nova época. Se a história científica do século XIX veio a se formar simultaneamente de permanências e discontinuidades, da mesma forma, ela também poderá ser relacionada com os novos períodos subsequentes da história e da historiografia em termos de permanências e discontinuidades. Assim, a partir das primeiras décadas do século XX, novas e significativas mudanças - e novos tipos de iluminação, por assim dizer - irão se incorporar à matriz disciplinar da História, e também a teoria se sofisticará. Cada vez mais a História se autoperceberá como 'ciência em construção', conforme alerta Marc Bloch (1941) no mais emblemático depoimento sobre 'o *métier* do historiador' que já foi escrito como no Ocidente historiográfico. O 'questionário da história' se amplia permanentemente, dirá Paul Veyne (1971). Acentua-se, a partir de alguns setores da historiografia ocidental, a exigência de que a História seja problematizada, e tal ponto esta

exigência será trazida a primeiro plano, que frequentemente será esculpida a imagem de uma 'história-problema' do século XX por oposição a uma 'história factual' do século XIX, na esteira das viscerais críticas de Lucien Febvre contra o que ele mesmo chamaria de 'uma história historicizante' (1953).

Diante das novidades que serão trazidas pela historiografia do século XX (este século que representa uma etapa mais avançada da segunda modernidade ocidental), a nova historiografia do século XIX rapidamente parece se converter em 'velha história'. E isto se dá porque uma história ainda mais nova - interdisciplinar, multidiversificada, aberta ao exame das múltiplas temporalidades, audaciosa exploradora de novas fontes, instituidora de novos métodos, e criadora de novos objetos de pesquisa - anunciará que os velhos ídolos precisam ser derrubados. Esta nova historiografia se quer apresentar como ágil e nova, perfeitamente adaptada aos novos ventos da Modernidade, e para tal, é preciso que o momento anterior seja enfaticamente desenhado como o moroso mundo da 'velha historiografia'. Pierre Chaunu, um típico 'historiador novo' ligado ao célebre movimento dos *Annales*, radicalizará nos anos setenta de seu século esta mesma leitura de descontinuidade entre as duas histórias: e chegará a dizer que a verdadeira 'história científica' só surgirá mesmo no século XX, consistindo toda a historiografia anterior em não mais do que uma espécie de pré-História que apenas teria o 'valor de um documento' (CHAUNU, 1974: 101) (BARROS, 2011, p. 19-21).

Com o advento do século XX as profundas contradições econômicas e os complexos jogos de interesse entre as potências, levou o mundo a transformações nas relações sociais e nos meios produtivos. A Revolução Bolchevique de 1917, as duas grandes guerras (1914/1918 e 1939/1945) e os desdobramentos da Guerra Fria, levaram os homens aos *fronts* de batalha e alavancaram a participação das mulheres nos espaços vagos. Contra esta corrente belicista surgem;

Os movimentos *beatnik* e *hippie* nos Estados Unidos e o maio de 1968 em Paris são as expressões mais fortes de uma geração, nascida durante, ou mesmo após, a Segunda Guerra Mundial, que buscava espaço no mundo público, combatendo os cânones tanto da defesa do capitalismo norte-americano como do sonho socialista europeu. O movimento jovem da década de 1960 não foi apenas altamente inovador em termos políticos; foi [...] antes de tudo, um movimento revolucionário na medida em que colocou em xeque os valores conservadores da organização social: eram as relações de poder e hierarquia nos âmbitos públicos e privado que estavam sendo desafiadas. É também nesse contexto que nasce o novo feminismo no mundo ocidental. (PINTO, 2003, p. 42).

A visão tradicional da ciência histórica, universal e hegemônica não permitia e nem possibilitava outras formas de explicar a realidade. Ao decorrer dos cenários políticos, os movimentos encontraram brechas para agirem em unidade e fazerem com que os intelectuais os inserissem como objeto de análise.

1.1.1. A mulher na historiografia brasileira

Com o crescimento da *Nouvelle Histoire*, da Antropologia Histórica e a História das Mentalidades, as mulheres ganharam espaço para verem sua história reconstruída, porém sem uma identidade clara. Não foi só a história das mulheres que ganhou visibilidade em um cenário nebuloso, mas a História das crianças, da família e da sexualidade. Na historiografia brasileira percebe-se que meados do século XIX e primeiros decênios do século XX, a mulher⁵ era identificada como *pária* na sociedade, porém isso criava uma imagem da "diferença" negativa sobre ela e dela. Percebe-se uma mudança dessa imagem na segunda metade do século XX, onde as mulheres rejeitam o destino imposto pela cultura, na qual deviam servir o lar com trabalho doméstico. A porta para a transformação da realidade das mulheres neste cenário machista advinha de um enlace matrimonial, ou seja, o casamento seria o passaporte para a ascensão social. A mulher, segundo o pensamento dominante, deveria ser utilizada como reprodutora dentro do casamento. Não se cogitava pensar e falar em um matrimônio que proporcionasse prazer para a mulher e para o homem.

Uma medida para contê-las foi de normatizar seus desejos aflorados em seus corpos, expressar seus sentimentos e desejos era tido como histórico. Para reverter à situação com uma cura para trazê-las a normalidade por meio de internações para serem curadas. As mesmas mulheres que trabalhavam em casa, posteriormente foram assumir uma vaga de emprego fora do lar, recebendo o nome de trabalhadoras. Tinham-se evidência delas protestando contra o aumento do pão, baixos salários, péssimas condições nas fábricas. Para as mulheres trabalhadoras, algumas vertentes marxistas alimentaram a expectativa de uma melhoria de vida com o socialismo, pois se acreditava na extinção da exploração da classe sexista. No entanto aconteceu o contrário na URSS, as mulheres recuaram novamente para a esfera privada. Para o capitalismo era magnífico ter as mulheres empregadas, pois além de incrementarem a produção, eram reprodutoras (da força de trabalho), e isso duplicava a carga delas (CUNHA, 2000). Cunha (2000) chama a atenção para a contribuição de dois importantes pesquisadores (as), Joan Scott e Edward P. Thompson. Eles tentaram identificar os signos que permitiam ao capitalismo patriarcal explorar as mulheres enquanto classe feminina. Scott trabalhou com a premissa da

⁵ Segundo [...] Mary del Priore, duas características marcaram o início das produções sobre o feminino: fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que a vitimava (CUNHA, 2000, p. 142).

desconstrução dos sujeitos no interior da língua, das instituições e do poder. A autora critica Thompson dizendo que é insuficiente o conceito de experiência desenvolvido por ele, pois não alcança as diferenças da classe (HALL, 1998, apud CUNHA, p 154). Thompson se propôs a escrever uma história que desse voz aos sujeitos que não tinham a mesma importância de nomes da época. Com a proposta de escrever uma história do coletivo, as feministas aproximam-se das produções do historiador. O autor critica as feministas no ambiente teórico-marxista, afirmando que colocaram-se na historiografia como um "pseudoproblema". Elas não foram até o centro para debaterem suas pautas e demandas, dessa maneira eram induzidas para fora das engrenagens do sistema, coisa que não permitia a ligação delas ao núcleo.

Essas mulheres precisariam estar no centro do debate deste poder, do contrário viveriam a margem da situação. É necessário que as necessidades particulares das mulheres não venham sobrepor as demandas do movimento, como um todo. E isso foi percebido pelas mulheres que vieram posteriormente.

1.2 FEMINISMO

Para o Dicionário Crítico do Feminismo (SCHWEBEL, 2009) a primeira onda do feminismo deu-se na segunda metade do século XIX e início do século XX. Nessa fase a principal reivindicação das mulheres era pelo direito ao voto, no entanto só votavam os indivíduos com título de cidadão. No Brasil a mulher foi tutelada por muito tempo, tanto que o direito ao voto veio em 1932. Todavia, os constantes questionamentos às capacidades do gênero feminino de racionalmente absorver e sistematizar as teorias políticas, o acesso ao sufrágio só ocorreu de fato a partir do ano de 1945.

Nesse aspecto, ações transformadoras que marcam essa fase do feminismo foram vistas nos Estados Unidos e em parte de países da Europa. A segunda onda é conhecida como "*neofeminismo*", estendendo-se pela metade dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Com a efervescência do movimento estudantil em 1968, o movimento feminista ganha força e contribui para o movimento negro norte-americano (Black Power) e depois Panteras Negras. Dominique Fougere-Schwebel (2009) destaca que, "Inversamente, os movimentos feministas dos anos 70 não se fundam na única exigência de igualdade, mas no reconhecimento da impossibilidade social de fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal" (p. 145). Para as feministas a emancipação educacional era essencial para as mulheres alcançarem e assegurarem seus direitos, sendo o jornal o principal

veículo de informação na divulgação de suas pautas às massas.

A terceira onda do feminismo (nos anos 1980) empenhou-se pela busca de uma identidade política. A “sororidade”, como ficou conhecida, virou uma ideologia. Com características antiautoritária, recusaram qualquer tipo de organização hierárquica. Desse modo procuraram agir de uma forma espontânea dentro do movimento feminista, dando respaldo, voz, olhos e ouvidos ao "grupo de fala" (SCHWEBEL, 2009).

Talvez uma questão necessária a ser abordada neste cenário, foi a dificuldade que alguns grupos tinham de estabelecer categorias para distinção: classe, raça, sexo e nacionalidade são um dos maiores problemas para o movimento feminista. Essas questões de identidade social, racial, sexual e nacional foram ignoradas por elas pelo medo que viesse nascer mais uma forma de dominação. Com isso, três tendências ganharam força: a corrente radical, liberal e socialista.

A liberal prezava pelos valores individuais, pela livre concorrência entre homens e mulheres e o investimento em "políticas de ação afirmativas" ⁶ resultando em reformas de igualdade. As socialistas visavam o extermínio da opressão, das desigualdades sociais e da exploração das mulheres através da revolução que resultasse em uma mudança global. As feministas radicais lutavam contra o patriarcado, a falocracia e pregavam o separatismo, em alguns momentos travando uma luta contra a própria heterossexualidade.

O movimento feminista pressionou o meio acadêmico, possibilitando a entrada e a inserção da categoria mulher nos estudos/meios de pesquisa (patriarcado, machismo) como uma forma de ação política. Arruda(2000) apresenta alguns debates internacionais entre o feminismo e a teoria das representações nas Ciências Sociais. Ambos possuíam características similares, mas eram distintos na maneira que interpretaram os fenômenos sociais. Outro debate apresentado é a deshierarquização dos métodos na produção do conhecimento, reforçando a necessidade da valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. O núcleo duro e dominante tradicional da ciência impossibilita uma análise séria de sujeitos tidos como subalternos. Para as feministas, no ocidente é difícil dissociar a epistemologia da política, pois o cânone da ciência não leva em consideração as particularidades dos sujeitos/mulheres, analisa as demandas como universais, deixando uma imagem secundarizada das necessidades das classes inferiores. As teóricas feministas lançaram-se na busca por áreas do conhecimento que contribuíssem para as experiências de cada quadrante nas suas especificidades e subjetividades (ARRUDA, 2000).

⁶ SCHWEBEL, 2009, p. 147.

A teoria das representações sociais "[...] vai visibilizar facetas omitidas do conhecimento humano, valorizando o saber do senso comum, o universal consensual das conversações cotidianas e a criatividade das pessoas comuns ao traduzir a realidade." (ARRUDA, 2000, p.119). Tanto a teoria feminista quanto a teoria das representações sociais transitam por áreas disciplinares. Ao dissociar as mulheres das teorias feministas e realocá-las para dentro do gênero ocorreu uma aceitabilidade/receptividade pacífica na academia e no seio da sociedade, "Ao deixar de lado a densidade originalmente implícita na categoria, ela se despolitiza e empobrece." (ARRUDA, 2000, p. 120). Com a teoria das representações sociais ocorre um processo similar, ao inseri-las em pesquisas e desconsiderar seus processos, estrutura, atenção e metodologia para coletar e analisar os dados as transformará em meras citações vazias.

A discussão sobre uma epistemologia feminista tem transcorrido [...] nos países de língua inglesa, e é interessante a síntese que Uma Narayan, num texto que se intitula exatamente *The project of feminist epistemology*, produz a partir de um olhar não ocidental. Ela aponta três temas importantes na agenda do projeto: solapar a imagem abstrata, racionalista e universal do trabalho científico, usando várias estratégias; reintegrar valores e emoções presentes as atividades de produção do conhecimento realizado pelas mulheres, propondo a inevitabilidade de sua presença e importância da contribuição que são capazes de oferecer à produção do conhecimento e o ataque às várias formas de dualidade que caracterizam o pensamento filosófico ocidental- razão/emoção, cultura/natureza, universal/particular. (UMA NARAYAN apud ARRUDA, 2000, p. 121)

1.2.1 O feminismo no Brasil na segunda metade do século XX

A degradação do trabalho feminino começou sua jornada a partir do Renascimento, onde as mulheres recebiam os deveres menos qualificados e mais submissos para realizarem. Essas ações culminaram no século XIX com a consolidação do capitalismo. As reivindicações da metade do século XIX pautavam a revogação de instituições que permitiam a dominação masculina sobre o corpo feminino. Além de a mulher ser uma reprodutora, devia: estar disponível independente de seu estado; se estivesse realizando alguma tarefa, tais como: cuidar, limpar, cozinhar, apoiar emocionalmente, zelar pela segurança dos mesmos, amá-los, mesmo que isso retirasse parte do tempo delas para atendê-los. Seu papel era esse, servir, pois essas eram características das virtudes do sexo feminino. (ALVES; PITANGUY, 1985).

Para Alves e Pitanguy,

Ao afirmar que o sexo é político, pois contém também ele relações de poder, o

feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como *política* unicamente a esfera pública 'objetiva'. Desta forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública.

Conscientizando-se do fato de que as relações interpessoais contêm também um componente de poder e de hierarquia (homens versus mulheres, pais versus filhos, brancos versus negros, patrões versus operários, hetero versus homossexuais, etc.), o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. Assim, o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todas as militantes. Caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade. Os pontos de vista e as iniciativas são válidos não porque se originem de uma ordenação central, detentora de um 'monopólio da verdade', mas porque são fruto da prática e comum das mulheres.

Isto não significa que o feminismo não tenha uma organização. Esta se manifesta nos grupos feministas que se mobilizam em torno da promoção de cursos, debates, pesquisas, campanhas, na formação de centros, editoras, clínicas de saúde, SOS, Casas da Mulher, manifestações culturais e as múltiplas outras formas de expressão e prática do movimento. Entretanto, o feminismo não é apenas o movimento organizado, publicamente visível. Revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o *feminino* não seja menos, o desvalorizado.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades 'femininas' ou 'masculinas' sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc.(ALVES; PITANGUY, 1985, p.8-10).

Maria Amélia Almeida Teles (1999) escreve,

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas.

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. No decorrer do tempo, manifestou-se de formas variadas, todas elas estreitamente dependente da sociedade em que tiveram origem e da condição histórica das mulheres.

[O] (...) 'movimento feminista em sua' refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida. (p.10-12).

Dessa maneira, as próprias mulheres buscaram criar um espaço onde fossem reconhecidas e ouvidas.

2 A IMPRENSA ESCRITA NO BRASIL

A imprensa escrita possui sua origem com o criador alemão Johannes Gutenberg. Com a prensa de tipos móveis, no século XV, com sua produção voltado ao meio religioso. Posteriormente, no século XVII com a intensificação do comércio, adaptou-se a prensa e criou-se novas técnicas para a produção de jornais e revistas.

No Brasil a imprensa escrita foi implantada em 1808, após a vinda de Dom João VI ao Rio de Janeiro. Duas ações marcaram o início da imprensa brasileira: a primeira ocorreu em 1º de junho de 1808, um impresso na cidade de Londres, feito por um brasileiro, o Correio *Brasiliense*, sem censura portuguesa. O segundo foi no mesmo ano ainda, no Brasil, em 10 de setembro, através de uma iniciativa dos funcionários (da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra) do órgão oficial da administração portuguesa, com a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Além das condições do Brasil na época, as questões econômicas impediram o amadurecimento e o desenvolvimento da imprensa, conforme Sodré (1983, p. 63)

As condições da colônia constituíam obstáculo mais poderoso ao advento da imprensa do que os impedimentos oficiais que caracterizaram a atitude portuguesa. Claro que estes, na sua vigilância permanentemente, concorreram também para o retardo com que conhecemos a imprensa. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias a instalação da imprensa.

A imprensa áulica foi conhecida por uns treze anos em média, após a implantação oficial pelo órgão do governo em 1808. A imprensa áulica era assim chamada por causa da ausência do timbre do Brasil nas suas publicações. No entanto, foi desvinculada do estilo áulico a partir de 1821 devido à perseguição política da Corte. Posteriormente, 1821 era o ano da Independência, apareceram muitos periódicos retratando notícias voltadas à independência e as lutas políticas. No ano seguinte, em novembro de 1823, foi decretado a Comissão de Legislação a liberdade de imprensa, dando abertura à ligação a atividade política e o surgimento de facções partidárias. Como a imprensa ficou voltada a publicar e discutir assuntos voltados à política, no final de 1830, Dom Pedro I abdicou. Isto ocorreu devido ao enfraquecimento do espaço das correntes políticas, liberais (voltados à monarquia constitucional), esquerda (voltados a jornalistas) e direita (ligado aos absolutistas) nos jornais, no legislativo e da opinião pública. Alguns posicionamentos estavam deixando o governo irritado, pois alguns periódicos usavam-se das páginas para

criticarem a oposição. Sodré (1983, p. 144), ressalta,

Foi no ano de 1832 a 1833 um daqueles em que a imprensa assumiu entre nós maior grau de exaltação; saíram dos prelos, em 1832, 35 periódicos, dos quais 14 sustentavam o Governo e 21 faziam-lhe guerra aberta, sem medidas, nem trégua; foi em 1832 que feriram, em 5 de novembro, com um tiro de pistola, a Evaristo Ferreira da Veiga, o redator da Aurora Fluminense.

Essa forma de imprensa no Brasil durou de 1830 a 1850, com uma produção artesanal e de pouco alcance. A imprensa política perdeu forças com o nascimento dos latifundiários, deixando de ser uma produção artesanal para ser uma produção industrial no final do século XIX, abrindo espaço também para os escritores, pois até o devido momento não tinham destaque nas folhas. Desta maneira dois tipos de jornais estavam circulando no país: o pequeno jornal para o interior do país e o grande que era uma espécie de uma grande empresa defensora de seus ideais. A partir de 1894 os periódicos iniciam a utilização de clichês nos textos e imagens por meio da impressão na prensa tipográfica. Com um relato de como foram os primeiros passos da imprensa no período da Colônia e do Império, no próximo item será destacado o papel dela no século XX, na República.

2.1 A IMPRENSA NO SÉCULO XX

A imprensa no início do século XX havia conquistado seu território, definido seu papel e funções dentro do seu setor de trabalho. Além dessas conquistas, conseguiram encontrar formas de atrair investidores; com a queda do folhetim, o jornalismo ganhou forças, no entanto foi substituído, aos poucos, pela reportagem. No caso dos artigos simples, eles foram trocados pelas entrevistas que tratavam de assuntos policiais, esportivos e internacionais, mas que recebiam um olhar secundário. Com essas mudanças, as revistas ilustradas foram destinadas aos escritores para as publicações dos textos literários; assim os jornais foram caracterizados como imprensa. Com constantes modificações, a categoria dos jornalistas passou de proletários intelectuais para Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em 7 de abril de 1908, cuja intenção era ser assistencial.

Até 1930 a imprensa era oposicionista e redutora da influência do governo. A partir de 1934 com a posse do presidente Getúlio Vargas, implantando a ditadura em 1937 a oposição nas páginas torna-se inviável. Com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), 420 jornais e 346 revistas foram vetadas, e as publicações liberadas

eram ligadas politicamente ao presidente. Em 1946 estava no poder o General Eurico Gaspar Dutra, sob suas ordens fora mandando elaborar o artigo 160 da Constituição, que proibia o financiamento estrangeiro às empresas de jornalismo. Um resultado do corte dos financiamentos estrangeiros, nos anos 60, todos os jornais publicavam as mesmas matérias, modificavam os títulos e do conteúdo nas matérias. Com essas mudanças e transformações, as empresas jornalísticas abriram espaço para os candidatos a cargos políticos para realizarem a propaganda de si e de suas intenções, "(...) publicadas, por meio de matérias pagas" (FAITÃO, 2006, p. 22). Com a ditadura civil-militar de 1964-1985 o rádio e a televisão receberam severa censura, muitos jornalistas de viés político esquerdista e nacionalistas foram exilados, presos e torturados.

Devido a todos os acontecimentos do século XX, e principalmente o recorte temporal deste trabalho no Brasil, as mulheres do interior do estado estavam recebendo informações, por mais crítico que estivesse à liberdade de expressão da imprensa.

2.2 O JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA

Dando continuidade ao trabalho da imprensa, esta parte mostrará algumas técnicas para o jornal aos que pretendem debruçar-se com esta fonte de pesquisa.

As fontes documentais⁷ perante a historiografia oficial⁸ tem um papel relevante na formulação do passado / presente das sociedades organizadas, pois atuam na formação / disseminação / construção e reconstrução dos fatos históricos que embasam este processo. Para RÜSEN (1996), isto seria,

[...] uma maneira específica de manifestar a consciência histórica. Ela geralmente apresenta o passado na forma de uma ordem cronológica de eventos que são apresentados como “factuais”, ou seja, como uma qualidade especial de experiência. Para propósitos comparativos, é importante saber como essa relação aos assim chamados fatos do passado é organizada e apresentada. Uma outra

⁷ [...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

⁸ Partimos de um conceito de historiografia que não considera apenas a efetiva produção do conhecimento histórico mas, também, na medida do possível, a sua disseminação social. Estamos entendendo, então, por historiografia, não só a análise da produção do conhecimento histórico e das condições desta produção, mas, igualmente, o estudo de suas condições de reprodução, circulação, consumo e crítica. O momento da produção do conhecimento, portanto, não se confunde com o de sua disseminação social, ainda que sejam evidentes as possibilidades de ambos se relacionarem. (FICO; POLITO, 1992,)

característica da historiografia é sua forma linguística. Ela é apresentada em verso ou em prosa? O que esses dois modos de apresentação de escrita indicam? É essa distinção a mesma através das fronteiras culturais? Na cultura ocidental, prosa indica uma certa racionalidade, um modo discursivo da experiência do passado na base de uma ideia integradora de sentido e evidência empírica. (RÜSEN, 1996, p.13)

Todavia, não podemos esquecer que com o advento do movimento dos Annales e a consolidação dos novos atores sociais e, principalmente, a partir da Nova História Cultural, “o passado deixou de ser resgatado a partir de uma estrutura pré-determinada e passou a ser compreendido a partir dos grupos sociais envolvidos em sua construção” (SANTOS, 2003, 78). Ou seja, deixa-se de tratar a história enquanto “uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2004 p. 64).

No caso das relações de Gênero, principalmente nas sociedades patriarcais, as contradições são ainda mais complexas, tendo em vista que a correlação de forças que se dá em todos os seus âmbitos. A busca pelo poder⁹ aflora como forma de consolidação ou ruptura dos paradigmas vigentes, o que nos possibilita a tratar essa correlação de forças, como, nas palavras de BARROS (2015):

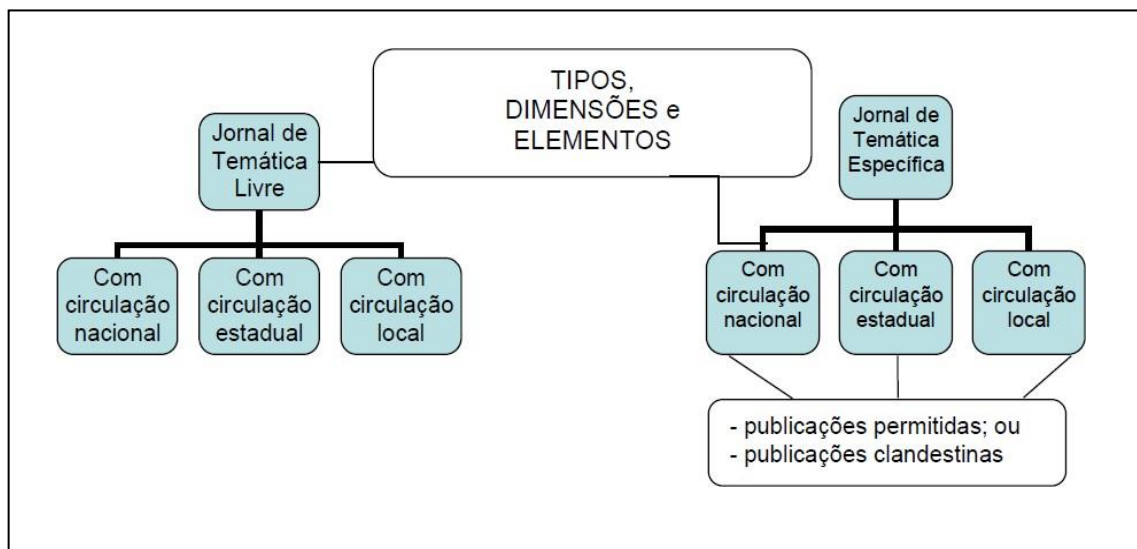
[...] aquilo que exercemos também na nossa vida cotidiana, uns sobre os outros, como membros de uma família, de uma vizinhança ou de uma comunidade falante. “Poder” é o que exercemos através das palavras ou das imagens, através dos modos de comportamento, dos preconceitos. O “Poder” apresenta-se a todo instante neste imenso teatro social no qual todos ocupamos simultaneamente a função de atores e de espectadores – daí que se possa falar hoje em um “teatro do poder” quando examinamos a política nas várias épocas históricas. Poder, no decurso de uma série de novas lutas políticas e sociais que redefiniu radicalmente a sociedade em que vivemos, é aquilo os homens aprenderam a reconhecer nas mulheres, que as maiorias aprenderam a reconhecer nas minorias, que o mundo da ordem aprendeu a reconhecer na marginalidade, que os adultos que aprenderam a reconhecer nos mais jovens. Essa compreensão mais abrangente da noção de “poder” redefine, obviamente, os sentidos para o que se deve entender por História Política. (BARROS, 2015, s/p)

De maneira que, essa luta ocorre em “[...] complexo institucional, que tende a

⁹ “Poder”, como “cultura”, é entretanto uma palavra complexa, polissêmica, que se abre como campo de disputas para múltiplos sentidos e como objeto para multi diversificadas apropriações. Temos aqui palavras que são verdadeiros espelhos de muitas faces, que se transfiguram conforme os seus usos ou as intenções que as animam, que se transformam, que se comprimem ou se alargam ao longo da sua história léxica. A palavra “poder” é como uma armadura que se tem oferecido para muitas batalhas historiográficas, verdadeira arena que estimula confrontos internos dos quais podem emergir vencedores, neste ou naquele momento, alguns sentidos mais específicos ou mais abrangentes. Será portanto necessário examiná-la tendo em vista as várias nuances internas que esta palavra torna possíveis. (BARROS, 2015, s/p)

igualar, a imobilizar as diferenças, a achatar e a planificar a vida social e a sua riqueza concreta, existe uma série de atitudes que tendem a, senão quebrar, pelo menos desviar destas diversas imposições.” (MAFFESOLI, 1987, p. 126). O debate, sobre as relações de gênero se forma, “a partir do silêncio, da ilegalidade, da discrição, etc., nascem as práticas que asseguram as identidades de base e as resistências que lhes são correlatas” (MAFFESOLI, 1987, p. 126), aglutinando forças para combater os discursos opressores¹⁰. O jornal impresso, assume assim um papel legitimador do discurso vigente, “de maneira que a importância da palavra impressa nos periódicos está plenamente assente, pode-se perceber as dimensões disso no quadro 1. O seu uso generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985”. (LUCA, 2006, p. 130). E eles podem ser divididos, de acordo com Cavalcante (2002).

Quadro 1- Fluxograma: Jornal de temática livre x jornal de temática específica.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Para realizar uma leitura dos periódicos, deve-se ter claro que a imprensa é uma empresa administrada e gerida pelo empresário-jornalista atuante no setor privado. O guia desses empresários será o lucro e o seu oponente serão os concorrentes, sejam eles, outros jornais, revistas, rádio e televisão. Para CAPELATO (1988, p. 18),

¹⁰ Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 1995, p.135)

É preciso considerar, [...] que a empresa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política. Nesse tipo de negócio há dois aspectos a se levar em conta - o público e o privado (o público relaciona-se ao aspecto político; o privado, ao empresarial).

Jacques Kayser (1966), citado por Camargo, apresenta alguns cuidados iniciais a ter-se no momento que a pesquisa é iniciada nos arquivos: "[...] a origem da informação que o periódico impresso contém e sobre sua data, [...] o cuidado com as aspas, traduções, ilustrações, [o] confronto do periódico estudado com outros competidores da região, adversários e simpatizantes" (p. 226). A autora destaca o cuidado do pesquisador para não cair em tentação de confirmar exatamente o que estava procurando. Para BESSA (1952) a imprensa periódica estende-se para as categorias dos jornais, revistas e almanaques. Na sua divisão o jornal está organizado em anúncio "(incluindo tudo o que se refere a compra, venda, aluguel ou permuta; casas comerciais, indústrias e fábricas; operários e empregados; profissões liberais; cerimônias religiosas; diversões; avisos da administração civil e militar [...]" e a matéria restante seria para o noticiário, o editorial e aos comentários.

A caracterização de grupos e citações nos noticiários impressos são formas de perceber como os conflitos eram mediados, a recorrência deles, a comparação dos fatos ocorridos (com destaque aos problemas com maior ou menor frequência). Para SODRÉ (1983) é necessário relacionar a imprensa ao quadro geral da história em que se inscreve, para uma compreensão totalizante, como a "[...] delimitação da área geográfica de circulação dos jornais, seu poder de penetração, a composição de público e suas diversas camadas sociais, o preço do periódico e sua ligação com custos de produção e o valor da moeda [...]" (p. 232). Camargo (1969) faz um alerta aos pesquisadores sobre a ineficácia de rasos esboços da "plataforma" ideológica aplicada na filtragem de informações nos periódicos.

A narrativa nos jornais passou por algumas modificações desde a sua origem. No Brasil percebeu-se a necessidade de dar mais ênfase na escrita das matérias. Ficou conhecido a partir de 1920 o novo jornalismo ou "Jornalismo Literário". Este tipo de jornalismo foi importado dos Estados, perdurando ainda dos anos de 1960 em diante. O novo jornalismo a partir da década de 1960 foi adaptado das narrativas de guerra para o gênero interpretativo. Neste estilo de escrita muitos jornalistas e escritores conciliaram o jornalismo com a literatura, cronistas e livro-reportagem (FAITÃO, 2006).

O foco do jornalismo literário é um mergulho total na realidade. Para Lima (2004, p.197) citado por Faitão (2006, p. 28),

Na pior das hipóteses, acreditamos que não haveria mais como negar as qualidades literárias da produção dessa corrente jornalística. A fonte inspiradora da narrativa desses jornalistas é o realismo social, praticado por Balzac, Fielding, Smollett, Gogol e Dickens.

O periódico *A Voz da Serra* procurou informar-se sobre essas novas tendências para deixar seu negócio com uma aparência com um de algo que caminhava rumo ao "novo. As oscilações do mercado impactaram diretamente na matéria prima que era destinada a indústria. Essas mudanças instigaram um sentimento de modernização, de crescimento para a cidade de Erechim no ramo da imprensa, tais como: diminuição do tamanho do jornal, aquisição de máquinas novas, a influência de estilo romântico na escrita. Além disso, o jornalismo romântico enfatizava o relato de características da realidade. Procurou-se dar abertura para temáticas de cunho nacional e internacional. O jornal da cidade de Erechim procurou pesquisar nas capitais uma boa alternativa que sanasse as lacunas que a indústria jornalística estava enfrentando, como as citadas anteriormente.

2.3 ANÁLISE DAS MATÉRIAS SELECIONADAS NO JORNAL A VOZ DA SERRA

2.3.1 O nascimento: *A Voz da Serra* nos primeiros anos do século XX

O proprietário do *A Voz da Serra* era mineiro de nascimento (15/01/1900), mas em sua adolescência seus pais mudam-se para São Paulo e, de lá, são informados que no Rio Grande existiam terras férteis e "inexploradas". Estevam Carraro iniciou suas atividades em 1918 em Vila de Paiol Grande (um dos primeiros nomes de Erechim). Inicialmente sua profissão foi barbeiro e, em seguida, funcionário dos correios. Sua esposa, Gelsomina Noal Carraro, residia em Passo Fundo antes da família mudar-se para Vila de Paiol Grande a trabalho. Gelsomina¹¹ relata que o marido solicitou que o jornal fosse registrado em seu nome, pois funcionários do correio não poderiam exercer outro ofício.

Em 1929, com a parceria de seu amigo Manoel Pinheiro Mena fundam uma tipografia. Ainda registrado no nome da esposa. No mesmo ano, no dia 26 de outubro, circula o número um do jornal, o qual recebe o nome de *Boavistense*. Alguns anos depois, em 1937, o jornal é renomeado como *A voz da Serra*. Na página 79 da gaveta de

¹¹ Em um documento localizado na pasta da gaveta de genealogia do Arquivo Histórico Juarez Illa Font, contém esta informação, em uma entrevista concedida a eles.

genealogia da família, há um trecho em que Estevam imprime no jornal a respeito da sua posição política ideológica, "Neste jornal imprimiu uma orientação de imparcialidade e dignidade até os seus últimos dias"¹². Colocou este comunicado na revista Erechim e no Almanaque, os quais ele fazia a impressão. Para CAPELATO (1989, p. 18)

A imprensa tem o dever de criticar o poder e os poderosos. Como podem os empresários-jornalistas exercerem, de forma independente, o dever da crítica se estão ligados, por vínculos estreitos, a indivíduos e grupos cujos atos devem denunciar? Os compromissos que eles estabelecem na esfera privada não desaparecem quando atuam na esfera pública. A interpretação do público e privado define os limites do quarto poder. Atuando, ao mesmo tempo na esfera pública e privada, o jornal desempenha um papel singular na história.

A crônica é o único estilo produzido para ser vinculada totalmente a imprensa, recebendo toda a influência do jornalismo literário. Os cronistas eram os poetas cotidianos com o seu estilo no jornalismo.

2.4 A ABORDAGEM DA MULHER SOB O PRISMA DO JORNAL

A parte física desta pesquisa foi realizada no Arquivo Histórico Juarez Illa Font, na cidade de Erechim - RS. O marco temporal é de 1974 - 1977, onde procurou-se fotografar tudo o que fizesse referência as mulheres e ao universo feminino. Foram fotografadas matérias e propagandas sobre mulheres em comerciais de imóveis, automóveis, roupas, alimentos, datas comemorativas (carnaval principalmente), sobre a maternidade, mulheres na agricultura fazendo frente aos seus direitos, o envolvimento de mulheres com drogas, mulheres envolvidas em assalto, mulheres sendo tema de filmes (com cartaz no cinema da cidade). Foram paginados sete "livros-tomos" que reuniam os jornais. O tomo de 1974 estava reunido todos os jornais em um único volume, o de 1975, 1976, e 1977 em dois tomos cada um, sendo que o primeiro tomo ia de janeiro a junho e o segundo de julho a dezembro, visto no quadro 2, abaixo, mostrando o levantamento da pesquisa.

Quadro 2 - Número total de matérias e afins fotografadas no jornal A voz da Serra.

Ano	Número de matérias fotografadas
1974: janeiro a dezembro	322
1975: janeiro - junho	121
1975: julho - dezembro	148

¹² Está no anexo o documento que é dito isto.

1976: janeiro - julho	50
1976: julho - dezembro	400
1977: janeiro - junho	75
1977: julho - dezembro	51
Total	1.167

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

No total foram 1.167 fotos fotografadas do jornal. A faixa etária das mulheres selecionadas distribui-se entre 16 e 45 anos. Pretendeu-se selecionar matérias e imagens que retratassem a emancipação da mulher em âmbito social, econômico e educacional. As mulheres protagonistas nas páginas do *A Voz da Serra* são mulheres que de uma classe abastada da sociedade, em que as famílias financiavam o investimento da sua educação. As de renda inferior necessitavam do auxílio de entidades beneficentes e de políticas públicas para ingressarem na educação, ninguém se responsabilizava pelo seu custeio. Os cursos de aperfeiçoamento profissional eram realizados com campanhas da comunidade onde residiam, conforme vê-se na figura 1.

Figura 1 - Curso de assistência comunitária.



Fonte: A Voz da Serra. (03/12/1974)

Na figura um 1, há na imagem mulheres em um espaço cedido por pessoas da comunidade. Ao longo do jornal, havia publicações anunciando cursos beneficentes proporcionados a comunidade popular para incentivar uma boa administração do lar. Geralmente esses cursos eram organizados pela esposa do prefeito, ou órgãos da saúde. Procurou-se a matéria da figura 1 para anexar no presente trabalho, no entanto ela havia sido subtraída do jornal. Conforme foi realizada a pesquisa, algumas páginas estavam faltando, percebeu-se vestígios de páginas arrancadas, quanto marcas "lisa e reta", associou-se essas marcas e as extrações a objetos de "estilete" e tesoura.

Figura 2 - Ladras Domésticas - Arrombador - Receptora.



Fonte: A voz da Serra. (é a última página do jornal, a mesma não contém paginação).

Na figura 2, é apresentada no jornal uma nova onda, estava ocorrendo na região furtos realizados por mulheres. Essas mulheres buscavam empregos, após terminarem suas tarefas furtavam as casas. Havia construído-se uma visão de uma mulher inocente, ingênua e frágil, onde o perfil era impróprio para cometerem tais atos. As imagens dessas mulheres eram estampadas nos jornais, sem glamour, e enalteciam aos policiais executores da prisão. O jornal declarava na matéria da figura 2, que era necessário ajudar a sociedade contra essas ondas de desvio de personalidade antes que fosse tarde demais, e principalmente "ajudar os homens da lei, a Brigada Militar".

O foco deste trabalho não é abordar a ditadura civil-militar, pois não há tempo hábil para isso, e o trabalho delongaria-se, além do temor da possibilidade de desviar o foco do tema. No entanto foi selecionado este período no A Voz da Serra devido à aproximação com o tema, mas o modo que as matérias eram redigidas percebe-se um padrão seguido. O país estava sendo governado por um regime militar. Com o crescimento econômico de 1969-1973, os salários voltariam a crescer em 1973. Com essa euforia, alguns setores se destacam no crescimento, como "a indústria automobilística, produção de bens duráveis" (GENTILI, 2004, p. 88) além de projetos grandes foram à hidroelétrica de Itaipu e o esforço para a

construção da Transamazônica. Esses projetos emanavam orgulho nacional por serem de grande porte.

A partir de 1968 a televisão assume o protagonismo, pois seu caráter é mais de entretenimento do que informação. Para as revistas e jornais, era um período de blecaute, pois eram mais dependentes das conjunturas políticas, coisa que a televisão não precisava para manter-se. Gentilli (2004) dá um exemplo de dois jornais, a Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo. A Folha de São Paulo estava ciente do que estava ocorrendo no mercado político. Eles não conseguiram contornar os anos duros da censura e da ditadura pela falta de recursos, credibilidade e preferência dos leitores. Diferente disso, o Estado de São Paulo se consolidou, pois tinham dinheiro para enfrentarem a censura e não fecharem as portas.

A submissão de alguns periódicos as ordens dos militares e da censura e do próprio decreto do AI-5 foram um dos anos mais difíceis para eles. A hipótese desse comportamento aos anos mais duros da ditadura seja porque não havia "[...] consciência de que o jornal ainda não se credenciara como instituição da sociedade civil." (GENTILLI, 2004, p. 93). Uma forma de resistência dos jornais foi o hebdomadário, publicações que ocorriam semanalmente. Além disso, outra forma de resistência foi a "[...] linguagem debochada e direta, suas entrevistas transcritas literalmente, tudo era novidade [para o público]. Boa parte de suas novidades estava incorporada no padrão da linguagem em todo o país." (GENTILLI, 2004, p. 95).

No A Voz da Serra, nas páginas pesquisadas é visto o incentivo para as mulheres consumirem produtos, tanto de moda, beleza, produtos doméstico, e na área de veículos. Em um anúncio, na figura

Percebeu-se no material pesquisado que a cidade prezava pela ordem, a tanto que no período do carnaval e de outros eventos mais públicos, desenvolvidos na rua, recebiam críticas e posicionamentos áspers e em alguns casos havia prisões. Alberto Dines (1986) escreve que casos como o da figura 2, com títulos chamativos e imagens que viessem a chocar o leitor/a favoreciam a inferiorização dessas pessoas expostas para venderem mais exemplares. Com um estilo de narrativa romântica, onde o foco do jornal fosse comentar com ênfase a realidade, isso demonstrava técnicas de como levar um produto as pessoas comuns da sociedade, quanto aos que detinham a maior parte das páginas em anúncios. Foi necessário criar um produto que mantivessem as vendas aos dois públicos. No entanto, o autor traz um alerta, que um terço dessas notícias estava denunciando áreas em que faltava investimento dos órgãos públicos.

Figura 3 - Mulheres maltratadas, uni-vos.



Fonte: A Voz da Serra (19/02/1977).

A matéria da figura 3 foi transcrita abaixo, e foi escrita por Eva Dü, em 19 de fevereiro de 1977 (página 3), e trouxe informações acerca do “lar das mulheres maltratadas” na cidade de Berlim uma iniciativa pioneira na defesa das mulheres que sofriam violência doméstica e que compareciam aos setores de aconselhamento familiar.

Pois não se sabe bem se o mérito é das inglesas ou das nórdicas, o certo é que aqui na Europa, as mulheres que são maltratadas pelos respectivos maridos, tem agora a quem recorrer. Mas não se trata de pai, mãe, avó outros parentes, nada disso. Na Inglaterra, por iniciativa de Erian Pizzey foi fundada a primeira casa que abriga senhoras casadas que tiveram atrito com o esposo e que, em consequência disso, deixaram o "lar doce lar". Na República Federal da Alemanha, ao que tudo indica, o número dessas infelizes parece também ser bastante elevado embora não se saiba exatamente quantas são, pois - segundo porta voz encarregado do assunto - "muitas tem vergonha de tornar público seu caso". No entanto o número das vítimas foi suficiente para que fosse fundado, recentemente, em Berlim, uma casa do gênero a primeira iniciativa surgiu neste país. A iniciativa surgiu porque conforme o Senado de Berlim, responsável pelo setor Família, Juventude, 8 a 12 por cento das mulheres casadas comparecem a departamentos de aconselhamento familiar em Berlim Ocidental a fim de se queixarem de seus maridos. O projeto que entrou em vigor a primeiro de novembro do ano passado, foi aprovado pelo Ministério da Família, Juventude, Saúde da Alemanha Federal, o qual deverá financiar a casa nos três primeiros anos, gastando para isso, anualmente, meio milhão de marcos. São beneficiados no início 30 mulheres e 50 crianças. Por outro lado, os responsáveis pelo projeto, em Berlim Ocidental, são unânimes em afirmar que não estariam ajudando as mulheres, caso elas encontrassem ali, apenas um refúgio temporário, voltando depois a antiga situação. Por isso estão planejando e estudando as possibilidades de poder oferecer uma formação profissional, a fim de que possam ter uma existência própria, não visada apenas ao cônjuge. O "Lar das Mulheres Maltratadas" de Berlim deverá servir apenas de primeiro refúgio no qual recebem auxílio psicológico, jurídico, etc. Assistentessociais e sociológicas estão à disposição das mesmas, oferecendo e

transmitindo a sensação de proteção e auto-segurança. É o caso o modelo de Berlim, o primeiro da Alemanha Federal, tiver sucesso serão instalados centros semelhantes em Frankfurt e Colônia. Em outras palavras: esses centros são quase um incentivo ao casamento. (A VOZ DA SERRA, 1977, p. 3)

Na figura 3, é mostrado para os leitores o que outros países faziam com situações em que as mulheres sofriam agressões verbais, físicas, psicológicas, violência doméstica, trabalhista. Existe um sentimento nesse momento, dos anos de 1977, de criar um órgão que venha ampará-las psicologicamente, socialmente, financeiramente. Algo parecido com o que foi criado - a Lei Maria da Penha - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006-. Essas falas acusam os ambientes privados, e temáticas voltadas às mulheres demonstram a visibilidade de um movimento maior, que pautam e debatem as necessidades das mulheres. Para este tipo de assunto ser bordado em um jornal do interior do estado, vai ao encontro com um evento organizado pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) a partir de 1975.

Celi Pinto (2010) descreve um trecho do que estava ocorrendo a partir dos anos de 1975,

Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sobre o título 'O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira', com patrocínio do Centro de Informações da ONU. (PINTO, 2010, p. 16-17).

Para Alberto Dines (1986) com novas formas de acesso a informação, o "Papel do Jornal" foi revisado por muitos empresários-jornalistas, a tanto que esse tipo de negócio, onde o dono do jornal assumia diversas funções dentro da sua "firma" manteve-se até meados de 1950. Com o alto custo do jornal foi necessário rever público, diagramação (boxes, textos complementares, o tamanho das propagandas, o tamanho do jornal num todo, onde agora teria a versão *standard* (58x 38 cm) ou um tablóide (equivalente a um *standard* dobrado ao meio). O tamanho da página do A Voz da Serra utilizado nesta pesquisa é de 48 x 34 cm. Com essas modificações e tamanho, ponderou-se sobre os espaços e o público alvo para receberem atenção nas páginas. Alberto Dines (1986) destaca abaixo:

[...] compartimentalização do jornal foi fruto, igualmente da situação marginal em que se encontrava a leitora, mantida num afastamento total do contexto do noticiário. Ainda que à mulher fossem destinados grandes contingentes de mensagens comerciais, endereçava-se a ela apenas um tipo de informação - o serviço (moda, casa e crianças). A emancipação da mulher trouxe consigo o fim das páginas e cadernos fechados, exclusivamente femininos. Esta nova modalidade no tratamento da mulher produziu-se como sempre por exigência dela própria e do faro jornalístico em captaras transformações sociais em curso. [...] foi no jornal que [a mulher] encontrou as pontes que a integraram ao panorama internacional (a revolta dos jovens, a crise ambiental, a violência), às descobertas científicas (transplantes, aventuras espaciais, [...] novas curas) e a vida nacional com a

pragmatização do noticiário econômico (inflação, mercado de capitais, novos produtos, crise de matérias-primas). (DINES, 1986, p. 104).

Figura 4 - A L.B.A e a mulher.



Fonte: A Voz da Serra. (07 de maio de 1977, sábado, p. 9).

A Legião Brasileira de Assistência, criada em 1942 pela então Primeira Dama da nação Ivone Vargas e tinha como função original ajudar as famílias dos pracinhas brasileiros, e depois suas atividades filantrópicas foram voltadas às famílias com menos recursos financeiros. Na figura 4, vemos uma das atividades da LBA em Erechim, um curso para mulheres carentes aprenderem a aproveitarem da melhor forma possível os alimentos e cuidarem da higiene dentro dos lares. Atividades que vinham de encontro à segunda onda do feminismo, mesmo que em terras locais não se tivessem tantos esclarecimentos sobre a temática, pois continuavam buscando por mais investimentos na área da educação para os filhos e para si, tanto na escola básica, quanto as condições necessárias para conseguirem aperfeiçoamento profissional.

Conforme Alves e Pitanguy (1985)

A partir da década de 60, o feminismo incorpora [...] outras formas frentes de luta, pois, além das reivindicações voltadas para a desigualdade social no exercício de direitos políticos, trabalhistas, civis, questiona também as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia desta forma, a mística de um "eterno feminino, [...] a crença da inferioridade 'natural' da mulher calcada em fatores biológicos. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 54).

Figura 5 - Profissões: Mulheres competem em pé de Igualdade com homens.



Fonte: A Voz da Serra. (Domingo, 24 de fevereiro de 1974).

A matéria da figura 5, "Mulheres competem em pé de igualdade com os homens" foi transcrita abaixo, foi tema da matéria, do dia 24 de fevereiro de 1977, trazendo informações acerca de como o mercado, a educação, a direitos estavam se encaminhando para colocar a mulher como protagonista da sua vida.

A cada dia que passa nota-se que aumenta o afluxo do elemento feminino na Universidade e nos mais diferentes setores da atividade humana. Isto significa dizer que onde entra uma mulher, no campo das profissões, sobra um homem. Até bem

pouco tempo, as mulheres não tinham acesso a Magistratura no Rio Grande do Sul. Atento ao artigo 153, inciso 1º da Constituição Federal diz: 'TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, RAÇA, TRABALHO, CREDO RELIGIOSO E CONVICÇÕES POLÍTICAS'. O Tribunal de Justiça homologou inscrições também para mulheres, tanto assim que no Estado há duas juízas de Direito concursadas.

Para um futuro não muito remoto, alguns sociólogos chegam a prever a era do matriarcado. Na Rússia, por exemplo, oitenta por cento dos cientistas que trabalham em laboratórios de pesquisas espaciais são mulheres que, em muitos casos, suplantam em técnica e em conhecimento de diretores de projetos mais experimentados.

A jornalista Otília Chaves acrescenta que a corrida do elemento feminino para as Universidades é notável. Em todos os ramos, mas particularmente em profissões que eram a caracteristicamente masculinas como medicina, direito, engenharia, economia, arquitetura, agronomia, engenharia florestal, turismo e outras as mulheres estão penetrando com maior intensidade, cada ano que passa. No curso de especialização, nota-se o mesmo fenômeno: em psicologia aplicada, organização e administração pública, sociologia, línguas, artes, política, biblioeconomia, secretariado e outras, as mulheres estão tomando posição e em alguns casos predominando mesmo. Parece que o curso menos procurado que menos interessa a mulher moderna é o Curso Normal, terreno no qual ela imperou por alguns séculos. **MAIS LIVRES:** Com isto a mulher está adquirindo cada dia mais poder e se tornando cada vez mais livre, independente e dominadora. Nos escritórios, nas repartições públicas, nas empresas comerciais e indústrias, os chefes dependem quase exclusivamente do elemento feminino. Elas se acham habilitadas cultural e tecnicamente para exercer as altas funções que lhes são confiadas.

LONGA CAMINHADA: Esta situação privilegiada não foi ganha sem sacrifícios, muitas vezes até com lutas. Nem tão pouco é ela uma situação generalizada no mundo todo. Em muitos países as mulheres ainda se acham em situação de inferioridade de submissão e humilhação, e que o sexo chamado forte teima em conservá-las. As crenças e os preconceitos religiosos tem sido forças poderosas, contra as quais as mulheres tem que lutar e conquistar sua liberdade. Os homens por sua superioridade física sempre subjugaram a parte fisicamente mais fraca - a mulher e acriança.

BREVE HISTÓRICO: O piedoso fariseu, diariamente dava graças a Deus, 'por não ter nascido mulher, ou leproso, ou gentio'. Os mais santos dos fariseus eram chamados 'fariseus sangrentos' porque andavam de cabeça baixa para não verem mulher, e iam dando cabeçadas nas árvores, nos postes ou em outros obstáculos que encontravam, ferindo-se muitas vezes. **MAUM,** um legislador hindu disse: 'Um homem só pode servir de testemunha, mas nem muitas mulheres, ainda que sejam puras, podem servir de testemunhas, porque não se pode confiar na mente feminina'. Quando Buda consentiu que uma mulher sentasse no Sangha (Conselho Legislativo da Índia) fê-lo com tristeza, dizendo que o Conselho não duraria mais de mil anos. Ainda no presente século no Conselho Legislativo de Burma, um dos membros assim se manifestou discutindo este assunto: 'Elas, como mulheres, não podem entrar no Nirvana, como poderão pretender assento nesse Conselho Legislativo?' Se todas as afirmações desses pensadores fossem axiomáticas, como explicar a presença de Indira Ghandi no posto de Primeiro Ministro? Mas prosseguindo, tanto no hinduísmo como no budismo, a mulher, como tal, não pode salvar-se precisa reencarnar como homem para obter graça. Uma professora cristã conta que uma de suas alunas, moça hindu da Seita Maharani, recebeu a melhor educação cristã, mas permaneceu hindu. Mais tarde casou-se e não quis submeter-se a certos costumes de sua seita que ela julgava absurdas à luz dos conhecimentos que tinha. Contou ela a sua professora que as outras mulheres fizeram tal carga contra ela que 'se viu forçada a tomar seu cálice de prata e beber da água na qual seu esposo se banhara', em sinal de submissão ao seu senhor. Fatos como este são comuns nas religiões orientais, ainda nos dias que correm.

SERVIÇOS DOMÉSTICOS: Com a evasão das mulheres dos lares dos lares em busca de uma profissão, os serviços domésticos passarão a ser mecanizados como em alguns países do mundo. As refeições poderão ser feitas em restaurantes dada a

maior renda do casal e os filhos confiados a creches especializadas. À noite os pais reúnem-se com os filhos dispensando-lhes maior tempo possível, e prestando-lhe carinho e afetividade. (A VOZ DA SERRA, 1977).

Na matéria da figura 5, está mostrando uma nova mulher, uma que está sendo construída nas páginas do periódico A Voz da Serra. A imagem tecida dessa personagem mostra a imagem de uma atriz coadjuvante neste palco da sociedade. Ela não é livre, no entanto precisa encontrar alternativas para alcançar o tão sonhado espaço, a esfera pública. A matéria da figura 5 deixa claras as ideias que saíam dos debates. A jornalista Ottília Chaves é utilizada como referência para dar informações do cenário em outros países¹³

O movimento feminismo a partir dos anos 1960 recebe outras demandas para as frentes de luta. As reivindicações por elas indagavam as desigualdades voltadas ao trabalho no ato do exercício dos direitos políticos, trabalhistas e civis, além de questionarem a origem desta desigualdade. Para elas, não existe um fator biológico que venha dizer que mulheres podem ocupar determinados cargos e carreiras, e homens só possam ocupar profissões com um alto nível de preparação. Para as autoras Alves e Pitanguy (1985) o único empecilho que impedia as mulheres de exercerem as mesmas as mesmas profissões estava educação. Se as crianças desde pequenas fossem estimuladas a trabalharem suas habilidades e competências, poderiam seguir qualquer área do conhecimento. O acesso a educação as impedia de trabalharem a parte cognitiva, deste modo, seus papéis estariam determinados na sociedade, dizendo sua finalidade no mundo, de procriadora, dedicada ao universo interno, o do lar. E os homens ao universo externo, o público.

No trabalho de Silva (1987) cuja obra, se intitulava "a história da mulher no Brasil", ela aponta,

Analisando os 147 textos produzidos por 36 jornalistas. Os 58 foram classificados como textos de reivindicação e protesto. Eles falam da 'emancipação da mulher', explicando que 'a mulher emancipada é a que tem na família e na sociedade os mesmos direitos que os mesmos direitos que o homem'. Os principais pontos defendidos por essas jornalistas foram melhores níveis educacionais, reconhecimento de profissões e de certas atividades, reforma da legislação e direito de voto e de elegibilidade. Tendo se inspirado fortemente no trabalho da historiadora [...] June E. Hahner, [...] na medida em que soube contra por discurso masculino e discurso feminino sobre os mesmos objetos, sendo a principal, a educação feminina e o papel da mulher na sociedade. (SILVA, 1987, p. 83)

Do material pesquisado no Arquivo Histórico Juarez Illa Font, os cursos oferecidos para a comunidade só visavam aperfeiçoar características da administração do

¹³ Não foi encontrada nenhuma informação acerca desta jornalista citada no texto, em nenhum periódico desta pesquisa.

lar e fazer coisas para o lar. Não eram anunciados a quantia de vagas, mas nas fotos o número não ultrapassava de vinte. Ao longo do jornal pode-se perceber uma cidade conservadora, cristã, e elitista. A representação dessas da mulher no jornal conservava muitos esteriótipos. As que possuíam uma boa formação vinham de famílias com um bom patrimônio. Elas possuíam uma profissão, no entanto, esse título as diferenciava das outras que não o tinham, proporcionando um casamento com um homem bem remunerado aos olhos da sociedade. No jornal havia uma matéria mostrando uma jovem¹⁴ recém formada em jornalismo.

A Voz da Serra havia dado espaço para mostrar que ela estava fazendo uma entrevista com a nova direção do clube do comércio, mas estava sendo infantilizada por ser jovem e não saberem se conseguiria dar conta do seu trabalho. Em um trecho de Roger Chartier, (2004), o autor faz uma relação dessa forma de apresentar as coisas ao mundo, e como os leitores fazem a leitura dessa representação de uma nova mulher que vem entrando na sociedade, no mercado de trabalho, nas escolas. Elas saem da esfera privada, e mostram que possuem capacidade para exercerem as mesmas funções e profissões que os homens.

O essencial é (...) compreender como os mesmos textos – em formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos. [...]. A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores. Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si mesmo, independente de qualquer materialidade, deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir) e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao eu leitor. Por isso, a distinção indispensável entre dois conjuntos de dispositivos: aqueles que dizem respeito às estratégias de escritura e às intenções do autor, aqueles que resultam de uma decisão de editoração de uma imposição de oficina. Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta -se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fundada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um 'ser-percebido' construtivo de sua identidade. (CHARTIER, 2002, p. 71-73.)

¹⁴ Parte dela estava faltando, desse modo não foi anexado ao trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres já possuem uma boa caminhada pelos seus direitos políticos e civis. É crescente a consciência da desvinculação da visão de cunho biológico que associa a capacidade cognitiva delas a reprodução. Isso tem possibilitado o reconhecimento da capacidade que cada uma. O mito da inferioridade cognitiva relacionado a reprodução já tem sido realidade para muitas mulheres, bem como o investimento em políticas públicas. Ao ver as reivindicações por melhores salários, redução da jornada de trabalho, repouso semanal, direito de votar e também de receber o voto. Infelizmente a falta de interesse dos representantes governamentais impede o avanço de projetos voltados a elas.

Com o objetivo de serem ouvidas, buscaram alternativas próprias. Jornais e revistas foram criados por elas, e para elas para amenizar a falta de conteúdo produzido pelos homens. Como a imprensa detinha um poder da informação em suas mãos, mas esta informação estava sujeita à análise pelo diretor do jornal, antes de ir a público. A responsabilidade do jornal era de levar a público a informação e o resultado da fiscalização do gerenciamento do governo sobre o país. Em muitos momentos algumas notícias vetadas. Em um lugar onde alguns possuem mais direitos que outros, a informação tornou-se um objeto de poder. As matérias selecionadas neste trabalho foram as que mais se aproximaram com a temática pesquisada, pois 90 % do material seguiam outra direção.

Nosso país tem passado por momentos difíceis na educação, na saúde, na educação, na política, na administração pública. O que mais faz falta é a ausência de ética na administração pública. As matérias recentes dos jornais regionais e nacionais não tem mostrado pontos positivos em diversos setores, principalmente no investimento em políticas públicas voltadas as mulheres. Essas mães trabalhadoras que necessitam do seu salário para sustentar seus lares, que não conseguem avançar na sua caminhada por não conseguirem deixar seus filhos a noite.

O principal sentimento satisfatório ao realizar o término deste trabalho, é ver os avanços que todas as mulheres conquistaram até aqui. Uma temática que está à margem da História, da política, são indícios de que são necessárias mais produções voltadas a esta área para desmistificar o que seriam os papéis das mulheres e o que seriam os dos homens na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (orgs). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais**. Tradução: Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALVES Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense.

ARRUDA, Angela. Feminismo e representações sociais. In: **Textos de História**. Rio de Janeiro: UFRJ. v.8, n. 1/2, 2000.

A VOZ DA SERRA, Jornal. Erechim: Graf. Carraro, 03 de dezembro de 1974.

BARROS, José D.'Assunção. **História Política-Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário**. Revista Escritas Curso de História de Araguaína, v. 1, 2015.

CAMARGO, Ana Maria Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: **Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH**. Campinas, set. 1969. p. 225- 239.

CAPELATO, M.H.R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo. 1988.

CASSOL, Ernesto. **Carlos Torres Gonçalves: Vida, obra e significado**. Erechim (RS): Editora São Cristóvão, 2003.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional. In: **CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. 2002.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In. **A Beira da Falésia: a História entre as incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CUNHA, Maria de Fátima. Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença. In: **História Ensino**. Londrina, v.6, out. 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12396>>. Acesso em: 15 out. 2016.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. SP, 1987

FAITÃO, Lucas. **Geder Carraro e seu jornalismo romântico: uma breve história**. Erechim, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, 2000. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf>, acesso em 17, jun.2018.

FICO, Carlos, POLITO, Ronald. **A história no Brasil; elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo Edições Loyola, 2014.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: "milagre econômico", repressão e censura. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 1, n. 2, p. 87-99, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2075>>. Acesso em 30 jul. 2018.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **A dinâmica da violência**. Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: Percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: **Cadernos Pagú**. n.11, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff(org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro.

NORA, Pierre. 1997 [primeira edição de 1984 à 1992]. **Lieux de mémoire**, "quarto", v. 2. Paris: Gallimard.

PARTIDO Social Democrático. **Histórico**. Disponível: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democratico-social-pds>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela, M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto. 2. ed. 2015.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero para análise histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba: v. 8, nº 36, p. 15-23. jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624/20159>>. Acesso em: 05 de abr. 2018.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORI, Cláudia. Mulheres, crime e violência: sob o olhar da prisão e da imprensa (Paraná,

décadas 1970-1990). In: **Ensaio de História: ensino, historiografia e gênero.** (Orgs) HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antônio. Campo Mourão: Fecilcam, 2015. p. 153-174.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista. In: PEDRO, Joana M. E GROSSI, Mirina P. (orgs). **Masculino, Feminino e Plural: Gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: EditoraMulheres, 1998. p. 21- 44.

RÜSEN, Jörn. **Some Theoretical Approaches to Intercultural Comparative Historiography.** History&Theory, v. 35, n.4, p. 5-22, 1996.

SANTOS, Myrian Sepulveda. **Memória Coletiva e Teoria Social.** São Paulo: Anablumme, 2003.

_____. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, out. 1998, v.13, n.38.

SCHWEBEL, Dominique Fougeyrollas-. Movimento Feminista. In: **Dicionário crítico do feminismo.** HIRATA, Helena. et tal. São Paulo: UNESP, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1983.

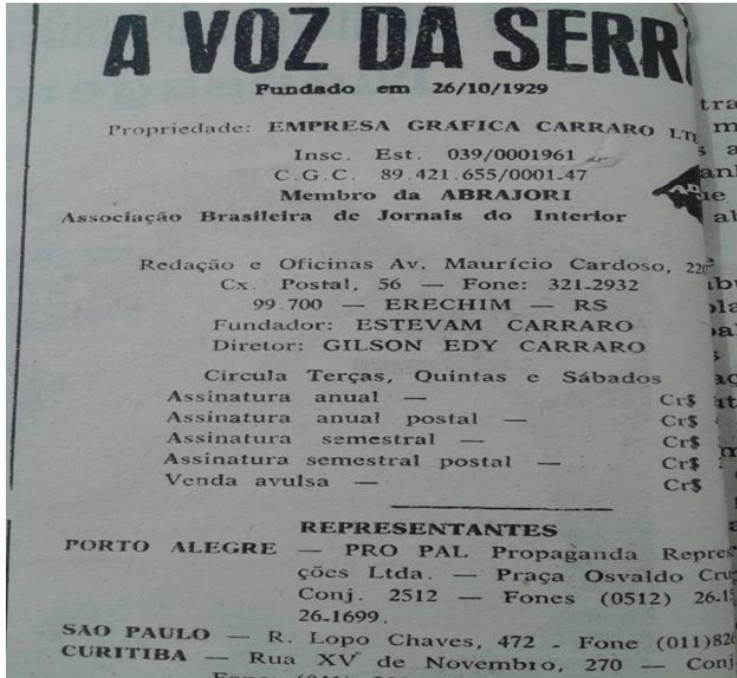
TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: Uma introdução teórico metodológica.** Dourados Ms: Edu. UFGD, 2012.

TILLY, Louise A. **Gênero, história das mulheres e história social.** Trad. Ricardo Augusto Vieira. São Paulo. 1990. p. 29-62.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ANEXO

Figura 6- A Voz da Serra



Fonte: A Voz da Serra.

Figura 7 - Capa.



Fonte: A Voz da Serra.

Figura 8 - Primeiras Damas participam.

A VOZ DA SERRA ERECHIM, Terça Feir, 29 de Janeiro de 1974. A VOZ DA SERRA

1974 - Ano das Eleições

Mais uma vez o povo vai às urnas e, desta vez para testar o prestígio pessoal dos políticos em evidência. Aqui, parece que só dois candidatos à deputação estadual estarão disputando as preferências do eleitorado regional.

A ARENA que atualmente conta com dois candidatos, parece que só correrá com Jacques para o Estado e o MDB, tem aquele candidato que muito se ufana em dizer "onde tem duas pessoas, uma é eleitor meu" - o Deputado Testa.

Para a Câmara alta, é óbvio, Mandelão nem se fala, tem cadeira cativa, comenta-se até que nestas eleições, levará mais gente na legenda. E pela ARENA para federal, nome muito cotado, e comentadíssimo nos bastidores políticos, é o do Dr. Peco's Jr. que é suptente e, isto se deve a campanha relâmpago que realizou. Comentam ainda que com uma campanha mais demorada, mas coordenada, sua eleição será concretizada.

Outro candidato que se impõem nesta Região é o bacharel Odacir Klein ex-prefeito de Getúlio Vargas. Klein, conta com grande número de eleitores e acima de tudo vem trabalhando a mais de 4 anos para sua eleição.

Vamos ver este 74 quem nos trará para representar: município e Região.

Barragem Como Turismo

Prefeitos e esposas além de convidados visitaram a central hidrelétrica do rio Passo Fundo, principalmente a casa das máquinas. Incansável foi o dr. Antonio Dário Nunes dan do explicações técnicas sobre a maravilhosa obra. Dário Nunes encantou a todos. E um mineiro que vibra com a obra.

Passagem de Comando

Amanhã será realizada a passagem de Comando do 31º RCM de Passo Fundo, uma vez que o Major Carlos Eduardo Meyer de Mesquita irá cursar a Escola de Estado Maior do Exército.

Após a solenidade militar de passagem de comando será inaugurado o Museu do 1º/20º RC e às 22 horas, baile de confraternização no Salão de Honra.

Estão sendo realizadas reuniões preliminares para a Semana do Município, no mês de abril. Nosso apoio a iniciativa. Erechim merece que tenha sua data de emancipação condignamente festejada.

O povo deve participar pois a festa é dele.

Aniversário do Município

Os advogados não gostaram de inovação que passa para duas horas de defesa, o prazo, que era de três horas. Os criminalistas, não acharam nada agradável redutirem seus recursos na sala de Juri. E a Lei 5.941/73 que se faz presente.

Ato prefeito Zambonato, Uruguaiana, já com mais de 800 assinaturas, convida Geisel para visita lá, antes de assumir. E Erechim não aproveitaria a passada do Presidente eleito, para ver nossas estradas, que em dias de chuva ficam os carros como se viaassem de algum lugar inexplorado da Amazônia; Vamos tentar?

No domingo que passou, comemoraram a passagem de seu primeiro ano de casados, em Porto Alegre, Leonor Dalla Costa de Castro e que juntamente com Aurelio, receberam inúmeros cumprimentos, aos qua s juntamos o nosso.

A diretoria do Clube do Comércio solicita a seus associados, que procurem regularizar suas situações com a devida antecedência, a fim de evitar conturbações, quando da realização dos balles burlescos que se aproximam.

O Vice Prefeito Olimpio Tormem, na semana que

antececeu suas férias, recepcionou os vereadores com o tradicional prato gaúcho, um churrasquinho supimpa.

Um alozinho ao José Balbinot, estamos aguardando o lumnoso da SAMI, José, Sairá neste mês.

E no segundo sábado de fevereiro, será realizado em Cruz Alta, a primeira eleição de Mister Rio Grande do Sul, por um jurí feminino. O Mister eleito receberá dois mil de prêmio, além da promoção estadual. Irá alguém de Erechim?

Na homenagem do deputado Tacques a Imprensa as gentilezas e atenções da Dona Caçilda foram suficientes. Estavam todos em casa como se diz.

Regressou de São Paulo, onde visitou feiras e exposições de modas o sr. Miguel Gotler e sua esposa Paulina. Receberá muitas novidades.

Em período de férias o sr. Ellis Herrera, gerente da Caixa Estadual de São Valentim.

A Diretoria do Clube Atlântico, Presidente Neyvo Petry, dr. Gilberto Trombini e Longines Malinowski em descanso pela orla marítima.

A COMAC vem centralizando as atenções nas reuniões dos Prefeitos. Brindes foram sorteados numa próxima a Seguros General, fará o sorteio de E a medida vem encontrando repercussão. Numa próxima, a Seguros General, fará o sorteio de valioso mimo.

Muito lindas as novas instalações do Escritório de Contabilidade de Ray Antoni, na J.B. Cabral, frente a Praça Julio de Castilhos.

Visitando esta terrinha, nosso colaborador Romeu Madalozzo, ex-Presidente da ACIE.

Blá... Blás...

Primeiras Damas Participam

Proveitosa tem sido a presença das primeiras damas da região Alto Uruguaiana nos encontros dos Prefeitos, e pode-se inferir que pelo menos duas vezes serão convidadas. No encerramento do ano e na primeira do ano seguinte.

A iniciativa do Prefeito Zordan de Marcelino no ano último teve prosseguimento em São Valentim, onde o Prefeito Casagrande proporcionou encontro das primeiras damas. A visita ao ponto turístico da barragem foi prejudicada em parte pelas chuvas.

Compareceram as primeiras damas dos seguintes Municípios: Barão de Cotegipe, Solange Balcianas; Erechim, Ana Zambonato; Gaurama, Clarice Mônica Magarinos; Itaíba do Sul, Elizabeth Medeiros esposa do dr. Jair Medeiros da Central Hidrelétrica do rio Passo Fundo; Zelinda Teribe, esposa do sr. Severo Teribe, da Prefeitura de Viadutos; e Elizabeth Deboni esposa do engenheiro Henrique Deboni.

Cinco prêmios da COMAC para as damas presentes e um sorteado entre os Prefeitos, quando a sorte do edil de Sertão Frederico Moyses Bevegung Tez-se notar. É o terceiro que leva para sua comuna.

Em grandes preparativos para o carnaval que se aproxima o Palhasex vem coordenando sua fantasia.

Falam os componentes mais achegados que estão em dúvidas quanto a elaboração da fantasia, pois elegeram uma muito suntuosa, mas em virtude de não estar todos os componentes na cidade não está decidido o modelo.

Comentam ainda que se for aprovada a mencionada, será sem sombra de dúvida um primeiro lugar, mas que figurará ao título de Bloco, pela sua fantasia, e aí a divergência, a indecisão, sem a votação de todos os componentes.

O Palhasex vai apresentar ainda com a finalidade de concorrer a todos os prêmios, uma individual na categoria de luxo e outra na originalidade, pois o bloco tem vários componentes, e destacará dois para dizer presente no concurso em geral.

Um figurinista, bola es

tas últimas duas fantasias, e São Paulo será o mercado fornecedor dos materiais para elaboração das mesmas.

Eles estão com verba em depósito desde o ou carnaval, pois além do prêmio elaborado rifados brindes e a verba foi acumulada para as duas fantasias extras do Bloco.

Como dissemos o Pichi ché, também está dando de tudo para a conquista de um primeiro lugar, isto é muito importante para o carnaval erchimense, pois demonstra entusiasmo, nunca antes visto, estes blocos são rivais e esta rivalidade vem dando maior entusiasmo aos folguedos de momo.

O Atlântico que não participou do carnaval de rua e nem elaborou Concurso interno, nos afirmou que vai para a rua este ano no mínimo com 2 blocos e vai fazer grande concurso interno.

Tudo isto é prenúncio de grande carnaval na terrinha gente.

O Palhasex Vem Ai



PRIMEIRAS DAMAS de municípios do Alto Uruguaiana. É o melhor entrosamento e a participação ativa da mulher na projeção das comunas.

Fonte: A Voz da Serra.

Figura 9 - Da mulher, Para mulher.



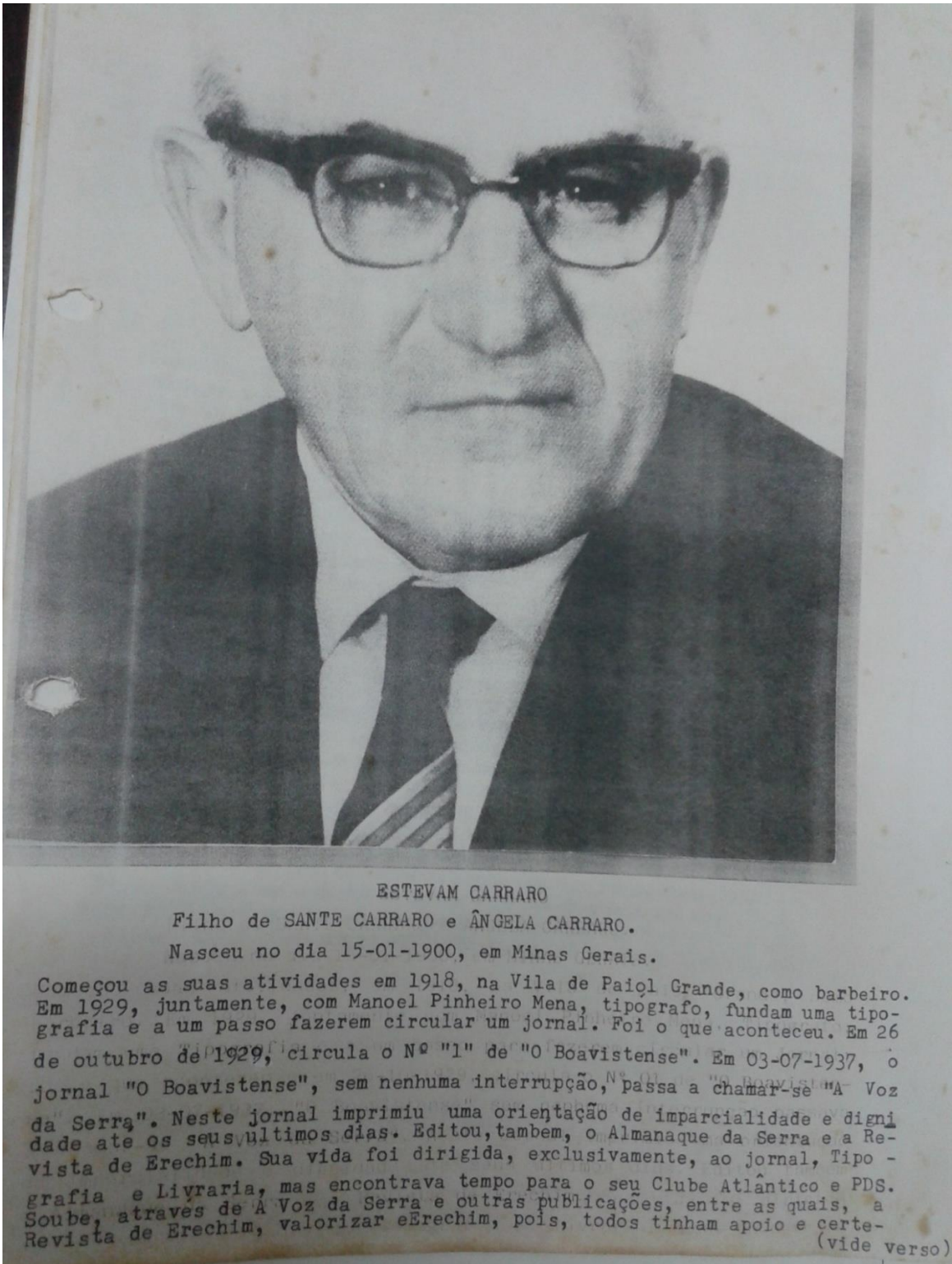
Fonte: A Voz da Serra.

Figura 11 - E assim eles casaram e foram felizes para sempre.



Fonte: A Voz da Serra.

Figura 12 - Estevam Carraro.



Fonte: A Voz da Serra.

Figura 15 - Irma Prieto fala sobre a Mulher Brasileira.

ERECHIM, QUINTA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 1977 7a. Página

Irma Prieto fala sobre a Mulher Brasileira

“A mulher e sua Atuação no Desenvolvimento” foi o tema da palestra proferida pela Senhora Irma Prieto, numa promoção da AFEC (Associação Feminina das Entidades do Comércio) realizada no Teatro Anchieta, do SESC (Serviço Social do Comércio), em São Paulo.

De início, para situar o Brasil dentro de uma perspectiva internacional, a conferencista examinou a situação em alguns países, tais como a Rússia, os Estados Unidos, a Colômbia e Argentina.

“A Mulher Brasileira” disse Irma Prieto, de uma forma geral nunca se teve afastada do trabalho. No Brasil Colonial, a situação da Mulher se caracterizava por sua dependência em relação ao pai e, posteriormente, ao marido. Dentro deste círculo se tornava impossível qualquer projeto de profissionalização feminina. A instrução feminina leiga aparece recém com a Constituição de 1823, na época do império.”

De acordo com o que expôs a conferencista constata-se que, nos últimos dez anos, a mulher vem conseguindo obter o reconhecimento de uma série de direitos que irão ao longo do tempo, colocá-la no lugar merecido. “A realidade nos mostra que a maioria das mulheres desconhece seus legítimos direitos” comentou a Senhora Irma Prieto, não luta por eles, apenas por desconhecer as leis que existem a seu favor. Estas leis aumentam dia a dia, principalmente no que se refere a família e ao trabalho.”

O TRABALHO NOTURNO

Referindo-se a este tópico, a Senhora Irma Prieto fez referência a vários países e ao enfoque que é dado sobre este assunto. “No Brasil” acrescentou, “são inúmeras as manifestações de empregadores no sentido de obterem uma autorização legal para que a mulher possa trabalhar na indústria, em horário noturno tendo em vista aspectos econômicos e sociais, capazes de prover de mão-de-obra algumas atividades industriais, que não encontram fácil aceitação por parte da mão-de-obra masculina”.

Dando ênfase, informou que a Comissão de peritos da Organização Internacional do Trabalho, vem insistindo em observações sobre o cumprimento, pelo Brasil, na Convenção nº 89, que regula o Trabalho Noturno da Mulher, já ratificada, consequentemente incorporada ao direito positivo Nacional.

“Em um mundo onde a mulher disputa todas as oportunidades de emprego, compete com o homem, proclama sua própria independência, derriba preconceitos e afirma sua capacidade, pretende a lei oferecer uma ultrapassada proteção, que não é desejada; é na realidade repudiada, e apresenta um dos últimos grilhões, que tornam ainda cheio de escolhos o caminho de sua total e real de independência para o trabalho”.

A MULHER NA POLÍTICA

Comentando a participação da mulher na vida política brasileira, a Senhora Irma Prieto faz um apanhado histórico do assunto, citando que o homem (pai-esposo-noivo) é um mediador entre ela e o universo político. “Isso cria uma situação de alienação da mulher dentro da sociedade”, analisou ela, “que torna vão todo esforço para desenvolver sua participação na vida política por formas especiais tomadas em setores isolados. A fraca atividade política da mulher não é, a consequência e o reflexo do papel secundário que a sociedade continua a lhe dar e que a mulher tende a aceitar como fato natural.”

Completando disse acreditar que a nova geração de mulheres seja mais ativa do que a atual, referindo-se a “falta que as mulheres estão fazendo na nossa política”.

Sobre a necessidade da participação da mulher em todos os setores da atividade, a Senhora Irma Prieto encerrou sua palestra da seguinte maneira. “Seria bom que cada uma de nós, aqui presente, fizesse uma lista das entidades e das coisas das quais poderia participar e ajudar. Basta começar” “O primeiro passo é que é o principal. Depois tudo parece diante de nós, nos sentimos pequenos para atender tudo aquilo que se nos apresenta”.

Eletrificação Rural

Será festivamente inaugurada no próximo domingo, com suculeto churrasco ao meio dia, a rede de eletrificação rural liderada pelo sr. Dionísio Morona, localizada na Vila 7 de Setembro, município de Erval Grande.

Como convidados estarão presentes o Gerente Regional e funcionários da CEEE, prefeito e ex-prefeito municipal, vereadores e outras autoridades.

As obras compõem-se de 2.267m de redes de alta, baixa e mista tensão, com dois transformadores de 15 KVA monofásicos.

A rede servirá a 12 com sumidores, tendo o custo de Cr\$ 109.524,03. Sua construção foi feita pela CEEE com a colaboração dos usuários.

Dentistas

Dr. A. T. Frey Dr. Hello A. Frey
 PF-189345440 CRO - 3618 - CRO-001806450
 Clínica Gepal - Raio X
 Av. Borges de Medeiros
 453 - sala 34
 Fone: 249716 - P. Alegre

Fonte: A Voz da Serra.

Figura 16 - Maior valorização política da mulher.

ERECHIM, QUINTA-FEIRA, 20 de Outubro de 1977

5a. Pág.

Maior Valorização Política da Mulher

...valorização do ex-... Casa Civil do... Victor... Triches... favor de... valorização e... grande... Na Assem-... deputado... res-... se... Dercy Fur-... Dercy Fur-

lado: "Trago a esta tribu- na um assunto que, real- mente, me entusiasmou, qual seja: as palavras do Dr. Victor Facioni, no último encontro da Arena em Gramado. Inter- sante que parece ser este personagem o homem mas falado nesta tribuna e, como os Deputados que me antecederam te- ceram comentários às pa- lavras do Dr. Victor Fac- cioni, venho também elo- giar este político que sem- pre tem sabido apoiar a mulher. Parece que S. S. Senhora foi feliz em to- das as suas observações, no último Encontro da Arena. Não é meu hábi- to vir a esta tribuna elo- giar pessoas, sejam polí- ticos, executivos, quando estas falam em favor da mulher. Tenho o cuida- do de observar com mu- lta calma e atenção aque- les homens que realmen- te lutam pela promoção da mulher e aqueles que a usam para obter votos por ocasião das eleições.

Então se venho à tribu- na para comentar e elo- giar as palavras do Dr. Victor Facioni, em Gra- mado". E frisou a depu- tada Dercy Furtado: "É porque venho observa- do há longo tempo a a- tuação deste nobre ho- mem, político do nosso Estado. Me lembro que quando vereador em Porto Alegre, era o dr. Victor Facioni, chefe da Casa Civil do então Go- vernador Cel. Euclides Triches e em cada pro- nunciamento que fazia na Câmara de Vereadores em favor da mulher, re- cebia dele, em seguida um cartão de cumprimentos, palavras de apoio. Isso me surpreendia, pois o dr. Victor Facioni não estava a pleitear nenhum cargo naquela ocasião. Eu sentia a sinceridade nas suas palavras. Agra- ra, vejo com alegria, na imprensa desta Capital, tendo no "Jornal do Co- mércio" esta notícia: "Facioni destaca a im- portância da presença da mulher na política". Re- almente, em grande dis- cursos o dr. Victor Facioni chama a atenção do povo gaúcho sobre a importância da participa- ção da mulher gaúcha na política.

Chega a dizer S. Sa. que para o lado em que as mulheres penderem, será vitorioso aquele Partido. Tamanha é a con- fiança depositada na mu- lher gaúcha, só me faz esperar um fim de tarde como esta para vir à tri- buna elogiar, agradecer e estimular ao dr. Facioni que continue depoi- sando na mulher gaú- cha tamanha confiança. Em vários trechos do seu discurso, pudemos sentir a importância que este homem de vida pública dá a participação da mu- lher. Ele chega a lem- brar o caso da América do Norte, onde 50% dos lugares nos partidos polí- ticos são destinados à mulher. Ele conclama os dirigentes gaúchos a per- mitirem — e permitirem não é a palavra adequa- da porque a mulher deve ter esse direito — que a mulher participe dos partidos políticos em nosso Estado. Dr. Victor Facioni faz uma conclamação, dizendo que a mulher não só deve permanecer dando vo- tos aos homens, aos polí- ticos, mas que ela deve estar presente nos parti- dos, e não só em departa- mentos femininos, que ainda são discriminató- rios, mas fazer parte ati- va nos diretórios dos par- tidos políticos no Bra- sil. Então venho a esta tribuna dar o meu voto de confiança ao dr. Facioni. E já pensei e se ainda não fiz, foi falta de tempo: criar em nome do País, um movimento feminino de apoio aos políticos no sentido de que eles deem aquela real importância à parti- cipação da mulher, que atuem e que promovam a mulher, em todos os sentidos". E acentuou a deputada Dercy Furtado: "A força feminina da América do Norte é tão grande, neste sentido, que os Partidos e os po- líticos sempre ouvem a- queelas mulheres que compõem um movimen- to de apoio aos homens que hoje lutam pela pro- moção da mulher. Eu, quando tive oportunidade de estar na América do Norte, viestei um movimento feminino de apoio aos políticos que realmen- te respeitam a mulher, que ajudam na sua pro- moção. Vejo no dr. Facioni um homem que me- resce o meu apoio aqui, nesta tribuna, pois real- mente vem prestigiando a mulher, e foi de suma importância o seu dis- curso, que teve destaque no Jornal do Comércio. Então, venho agradecer, apoiar e estimular o dr. Facioni para que conti- nue nesta luta de apoio à mulher. Acho que ho- mens assim, também merecem o apoio da mu- lher. Era o que tinha a dizer, nesta tarde, por- que a luta de estímulo à mulher por parte do dr. Facioni não é de hoje, não é de um comício em Gramado.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, você que me se- cionou tudo que ilumina todos os caminhos para que eu atinja o meu ideal, você que me dá o dom divino de pensar e espe- rar o mal que me fazem e que todos os instantes da minha vida, está comigo eu quero neste dia- logo agradecer-lhe por tudo e confirmar mais uma vez que eu nunca quero me esquecer de você por maior que seja o dia de amanhã. Não será o mínimo de material que acho de um dia es- tado com você e todos os meus irmãos, mas, obrigado mais uma vez. (A pa- lavra deverá fazer esta oração 8 dias seguidos sem fazer o pedido dentro de 10 dias será alcançada a graça por mais difícil que se- ja).

Estão em ação de Graças ao Espírito Santo, e passos que alcanço a graça deverá mandar fazer uma publicação em jornal.

V. W. B.

Marino F. de Andrade conhece a resistência, a agilidade, a economia e o desempenho da nova IDEAL CA-875. E responde por ela.

Você teria que estar muito seguro da indicação. Pois, este é o nosso caso. Nós vimos a Nova Ideal CA-875 nascer. Depois, acompanhamos todos os seus primeiros movimentos e fomos severos no julgamento da sua primeira prova de fogo: a última safra.

E ficamos orgulhosos com a Nova Ideal. Tanto quanto a fábrica. A máquina mostrou que é capaz de aumentar em vinte e cinco por cento a produção de qualquer lavoura e mostrou que pode fazer isto economizando metade do combustível. Mostrou força, agilidade, resistência, e, no fim do dia, fazia tender sempre algumas cargas a mais.

Nunca quebrou e, verdade seja dita, a Nova Ideal trabalhou de sol a sol. Comeu fogo.

Por isso, além de orgulhosos, estamos seguros da nossa indicação. Responderemos por ela.

E com toda honestidade, amigo, não indicáramos a Nova Ideal CA-875 para todos os lavoureiros que conhecemos, se ela não tivesse provado tudo o que provou.

Mas, muita coisa aconteceu, antes disto ser dito em público.

Se você tivesse que indicar a Nova Ideal CA-875 para um amigo, você, primeiro, seria muito exigente com a máquina, e não faria isto sem ter certeza absoluta de que a Nova Ideal é uma colheitadeira resistente, ágil, econômica e de grande desempenho. Agora, imagine se você tivesse que indicar esta máquina para uma porção de amigos. É detalhe: num anúncio de jornal, assinando embalco o seu nome.

ORAÇÃO DAS 13 ALMAS BENDITAS

Oh! Minhas 13 almas benditas, sabidas e enten- didas, Vos peço pelo amor de Deus. Atendei meu pedido, minhas 13 almas benditas e entendidas, Vos pe- ço pelo sangue que Jesus Cristo derramou. Atendei meu pedido pelas gotas de suor que Jesus Cristo der- ramou de seu coração. Atendei meu pedido, meu Senhor Jesus Cristo, que vossa proteção me cubra com vossos olhos. Oh! Deus de bondade, sois meu advoga- do. Na minha vida e na minha morte, peço-vos que atendeis aos meus pedidos e me livreis dos males e me desis sorte na vida. Cegai meus inimigos que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos, minhas 13 almas benditas, sabidas e en- tendidas se me fizerem alcançar as graças, ficarei devota de Vós e mandarei publicar esta Oração e também rezar uma missa.

Reza-se 13 Pal-Nossos, 13 Ave Marias, durante 13 dias.

Por graças alcançadas.

G. B.

ATENÇÃO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Prestigia a Indústria Gráfica de Erechim

Faça seus impressos em nossa cidade

O dinheiro gasto AQUI, circula e volta às suas mãos.

Representa mais empregos e mais gente para gastar em seus estabelecimentos.

O SENHOR JA PENSOU NISTO?

IDEAL

Indústria de Máquinas e Aparelhos Agrícolas

IDEAL S.A.

Serra Rica - RS

Tem Minutinha de Materno

...a professora Mar-... ourdes vem tendo a-... imosa e eficiente or-... ção da professora... te M. Bevilacqua... tem sido de grande... ncia, também, no... volvimento da ação... BA erechinense... oido sempre pela... itura Municipal e pe-... munidade, o traba-... ia professora Maria... urdes Michelon vem... um exemplo de se-... ría, dinâmica e re-... dora.

ILIOS

...spachando expedien-... Divisão de Serviço... l, o dr. Adail Mo-... d'retor-estadual de... autorizou pagamen-... tativos a segunda... de auxílios para... ração, com projeção... peração Casulo, en-... s quais o de 80 mil... ros para a SAMI de... asso Fundo e 90 mil... a Sociedade Assoc-... al de Menores de Sa-... uva.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, você que me se- cionou tudo que ilumina todos os caminhos para que eu atinja o meu ideal, você que me dá o dom divino de pensar e espe- rar o mal que me fazem e que todos os instantes da minha vida, está comigo eu quero neste dia- logo agradecer-lhe por tudo e confirmar mais uma vez que eu nunca quero me esquecer de você por maior que seja o dia de amanhã. Não será o mínimo de material que acho de um dia es- tado com você e todos os meus irmãos, mas, obrigado mais uma vez. (A pa- lavra deverá fazer esta oração 8 dias seguidos sem fazer o pedido dentro de 10 dias será alcançada a graça por mais difícil que se- ja).

Estão em ação de Graças ao Espírito Santo, e passos que alcanço a graça deverá mandar fazer uma publicação em jornal.

V. W. B.

ORAÇÃO DAS 13 ALMAS BENDITAS

Oh! Minhas 13 almas benditas, sabidas e enten- didas, Vos peço pelo amor de Deus. Atendei meu pedido, minhas 13 almas benditas e entendidas, Vos pe- ço pelo sangue que Jesus Cristo derramou. Atendei meu pedido pelas gotas de suor que Jesus Cristo der- ramou de seu coração. Atendei meu pedido, meu Senhor Jesus Cristo, que vossa proteção me cubra com vossos olhos. Oh! Deus de bondade, sois meu advoga- do. Na minha vida e na minha morte, peço-vos que atendeis aos meus pedidos e me livreis dos males e me desis sorte na vida. Cegai meus inimigos que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos, minhas 13 almas benditas, sabidas e en- tendidas se me fizerem alcançar as graças, ficarei devota de Vós e mandarei publicar esta Oração e também rezar uma missa.

Reza-se 13 Pal-Nossos, 13 Ave Marias, durante 13 dias.

Por graças alcançadas.

G. B.

ATENÇÃO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Prestigia a Indústria Gráfica de Erechim

Faça seus impressos em nossa cidade

O dinheiro gasto AQUI, circula e volta às suas mãos.

Representa mais empregos e mais gente para gastar em seus estabelecimentos.

O SENHOR JA PENSOU NISTO?

IDEAL

Indústria de Máquinas e Aparelhos Agrícolas

IDEAL S.A.

Serra Rica - RS

Tem Minutinha de Materno

...a professora Mar-... ourdes vem tendo a-... imosa e eficiente or-... ção da professora... te M. Bevilacqua... tem sido de grande... ncia, também, no... volvimento da ação... BA erechinense... oido sempre pela... itura Municipal e pe-... munidade, o traba-... ia professora Maria... urdes Michelon vem... um exemplo de se-... ría, dinâmica e re-... dora.

ILIOS

...spachando expedien-... Divisão de Serviço... l, o dr. Adail Mo-... d'retor-estadual de... autorizou pagamen-... tativos a segunda... de auxílios para... ração, com projeção... peração Casulo, en-... s quais o de 80 mil... ros para a SAMI de... asso Fundo e 90 mil... a Sociedade Assoc-... al de Menores de Sa-... uva.

Fonte: A Voz da Serra.

Figura 17 - Recital da poetisa Maria Nascimento.



Fonte: A Voz da Serra.